

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO V - Nº 7
PIRACICABA - 2013

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano V – n.º. 7
Piracicaba – maio de 2013

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 - 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A
13400-120 Piracicaba SP

E-mail: aaasantos@uol.com.br

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

Gustavo Jacques Dias Alvim

Ivana Maria França de Negri

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Samuel Pfromm Netto (in memoriam)

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Henrique Spavieri

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

IMPRESSÃO:

Equilíbrio Prints

Rua Alferes José Caetano, 621 – Centro
Piracicaba-SP

APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que aqui estamos lançando o 7º. número da Revista da Academia Piracicabana de Letras.

O número 7 de uma revista não é um número qualquer, mas tem um significado muito especial. O celebrado escritor e jornalista Hernâni Donato, da Academia Paulista de Letras, costumava dizer que quando uma revista cultural brasileira consegue manter regularidade e qualidade editorial e chega à publicação do seu 7º. número, isso significa que ela atingiu a maioridade e terá vida longa.

De fato, a experiência demonstra que, em nosso país, a imensa maioria das publicações culturais não passa dos dois ou três primeiros números e cessa logo sua publicação, por falta de matéria editorial, de recursos econômicos ou de administração séria.

Nossa publicação é modesta, mas é constante e de bom nível, sendo já apresentada como modelo a outras Academias congêneres dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Não dispomos de grandes recursos de caixa, mas as pequenas contribuições mensais que nossos Acadêmicos fazem com regularidade, completadas quando preciso por doações esporádicas que alguns Acadêmicos concedem para a edição da Revista, com a graça de Deus vêm permitindo que mantenhamos a regularidade. A administração editorial está sempre, desde o primeiro número, sob a direção segura e experiente do Acadêmico Armando Alexandre dos Santos. E, quanto ao nível editorial, ele depende dos valorosos membros da APL, idealistas que nunca carecem de inspiração literária e nunca “negam fogo”...

Temos, portanto, todas as razões para ver com olhos confiantes o futuro, que só a Deus pertence. Permita Ele que nossa Revista tenha longa e gloriosa existência.

Meus agradecimentos a todos. Vamos sempre em frente!

Abraços afetuosos.

Piracicaba, 31 de maio de 2013

Maria Helena Corazza
Presidente

ÍNDICE

In memoriam – Samuel Pfromm Netto (1932-2012)	7
André Bueno Oliveira – <i>A Poesia e a Dor / Cientista Poeta</i>	17
Antonio Carlos Fusatto – <i>Últimos instantes / Utopia / Manhã de Primavera</i>	19
Antonio Carlos Neder – <i>Medicina: muito mais do que mera questão de saúde</i>	23
Aracy Duarte Ferrari – <i>Interrogação apenas / Sensibilidade matinal / Mulher e rosas</i>	33
Armando Alexandre dos Santos – <i>Homenageando a memória de Hernâni Donato / O humorista Carlos de Laet</i>	37
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Subsolo na garrafa</i>	47
Carlos Moraes Júnior – <i>A literatura na internet</i>	51
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Confluências de abril / Materialidade de você / Cantinela saudosista</i>	53
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>Febre / O armário</i>	57
Cezário de Campos Ferrari – <i>A sabedoria</i>	59
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Desvendando o silêncio</i>	61
Elias Salum – <i>Uma trajetória dos árabes / Dança do ventre / Vocabulário árabe</i>	63
Evaldo Vicente – <i>Na lembrança do professor Costinha</i>	65
Felisbino de Almeida Leme – <i>Suave brisa / Santa Maria do Sul</i>	69
Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>O túmulo de Nho Lica / O Piracicaba dos paiaguás</i>	71
Geraldo Victorino de França – <i>Aprimorando o português / Conhecendo o tempo médio de vida dos animais / Conhecendo palavras diferentes... / Palavras com significados dife- rentes / Veja a diferença que faz um acento</i>	73

Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Tio Totó, o “sabe-tudo”</i>	77
Ivana Maria França de Negri – <i>Viajando pela África do Sul – 1 / 2</i>	81
João Baptista de Souza Negreiros Athayde – <i>Manhã parnasiana / Sem verbo</i>	85
João Umberto Nassif – <i>Reflexões de um noctívago / Papai Noel</i>	89
Leda Coletti – <i>Toque de ternura / Presença / Mulher Mãe</i>	93
Lino Vitti – <i>O Infinito vem salvar / A grande mentira</i>	97
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Com a morte de minha Mãe</i>	99
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Casas & Visitas /</i> <i>Ainda somos seis</i>	101
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Quem sou eu? / Queria</i>	105
Myria Machado Botelho – <i>A renúncia do grande defensor da Fé</i>	107
Olívio Nazareno Alleoni – <i>MAFLA</i>	109
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Ser Poeta</i> <i>Faça novo, não de novo / Mulher</i>	115
Toshio Icizuca – <i>Comer de marmita</i>	119
APL em ação – <i>Noticiário</i>	121

IN MEMORIAM**Samuel Pfromm Netto**
(1932-2012)

Com muita saudade, aqui homenageamos a memória querida do Acadêmico Emérito Samuel Pfromm Netto, membro do Conselho Editorial desta Revista, publicando uma poesia inédita de sua lavra – que nos foi enviada por D. Olga C. Pfromm – e reproduzindo o texto de entrevista que ele concedeu em março de 2002 ao jornal paulistano “São Paulo em foco”:

As quatro estações
(ouvindo Vivaldi – 1993)

A primavera termina:
Flores murchas pelos campos.
Há paz e recolhimento.
As aves silenciaram.
Mas no pensamento
E no coração
É sempre primavera!

Verão. Calor intenso.
Ar pesado. Abafadiço,
Me sufoca. Não há brisa.
Mas no pensamento
E no coração
É sempre primavera!

Outono. Folhas secas
Espalhadas pelo chão.
Cai a chuva. Ensopa a terra.
Mas no pensamento
E no coração
É sempre primavera!

Inverno. Noite densa.
O frio gela nas pernas.
Lá fora, gemidos do vento.
Mas no pensamento
E no coração
É sempre primavera!

Criança, TV e violência – a influência da televisão no psiquismo infantil

O Prof. Dr. Samuel Pfromm Netto é psicólogo e pedagogo, professor titular de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Licenciado e doutor pela Universidade de São Paulo, onde lecionou por muitos anos, realizou estudos e estágios de pós-doutorado em universidades norte-americanas e europeias. Presidiu o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e é membro titular de várias entidades, como a Academia Paulista de Psicologia, a Academia Paulista de Educação, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Pen Center de São Paulo, o Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta, a Société de Médecine de Paris e outras.

É autor de mais de uma centena de pesquisas, estudos teóricos e conferências publicadas em revistas especializadas do País e do Exterior, e dirige a revista "Estudos de Psicologia". Tem mais de

25 livros publicados nas áreas de psicologia, comunicação de massa, mídia educativa, tecnologia do ensino e pedagogia.

A seguir, o texto da entrevista exclusiva que concedeu ao jornalista Armando Alexandre dos Santos, de “São Paulo em foco”:

São Paulo em foco - Há quanto tempo o Sr. estuda a influência da televisão e dos meios de comunicação social sobre as crianças?

Samuel Pfromm Netto - Em 2003, completarei 50 anos de atividade como pesquisador. Um pesquisador sempre voltado, desde aqueles longínquos meados do século passado, para o trinômio criança, mídia e agressão. Minha primeira contribuição à literatura científica intitulou-se “A criança e o cinema” e mesclava psicologia, pedagogia e comunicação de massa.

SPEF - Nesses 50 anos houve mudanças nessa área, ou no fundo tudo ficou na mesma?

SPN - Durante estas quase cinco décadas, muita coisa aconteceu, alternando substancialmente o quadro que nos era familiar naqueles anos em que o ex-ditador Vargas retornava ao poder pelo voto popular, era criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, surgia em São Paulo a Cia. Cinematográfica Vera Cruz, a revista “O Cruzeiro” era a leitura semanal obrigatória dos brasileiros mais cultos, o Brasil sagrava-se campeão de futebol na Copa América, Victor Civita fundava a editora Abril e lançava “O Pato Donald” como revista em quadrinhos, e em 1950 ia ao ar a TV Tupi de São Paulo, primeira estação brasileira de televisão, captada apenas por algumas dezenas de receptores existentes na capital paulista. Quanta, quanta coisa mudou, meu Deus, para melhor ou para pior, nesse meio século!

SPEF - E como o Sr. via, naquele tempo, o problema?

SPN - O pesquisador neófito que eu era no início dos anos 50 já se preocupava com os possíveis efeitos dos filmes cinematográficos na mente e no comportamento das crianças, seguindo, assim, o caminho iniciado entre nós por Lourenço Filho na década de 1920, com uma pesquisa empírica de psicologia denominada “A moral no teatro, principalmente no cinematógrafo” (1928). Mal podíamos imaginar que as apreensões de Lourenço Filho e as minhas, quanto à influência do cinema mostrado às crianças, ganhariam tintas mui-

to mais sombrias com o que veio depois: a televisão que se expandia extraordinariamente nas décadas seguintes, o surgimento e a expansão do videocassete, os videogames, a Internet no computador, os videodiscos digitais...

SPEF - Mas sem dúvida essas invenções podem ser muito úteis para a cultura das massas...

SPN - É claro que esses prodígios tecnológicos em larga medida podem (e devem) contribuir para a difusão de conhecimentos e notícias confiáveis, entretenimento sadio, formação responsável de opinião, educação de gosto e estímulo aos comportamentos construtivos, positivos ou altruístas. Mas, se conduzidos com inconsciência, irresponsabilidade, inépcia e avidez de lucros a qualquer preço, à semelhança daqueles que mercadejam tóxicos, prostituição, jogatina e outras formas de câncer social, podem ser postos a serviço do que possa haver de pior na natureza humana. Pior ainda: como certos gases mortíferos que, no entanto, são inodoros e dificilmente detectáveis, podem envenenar nossos filhos pouco a pouco, no recesso dos nossos lares.

SPEF - O Sr. não receia que o achem um pouco pessimista nesses prognósticos?

SPN - Sei que corro o risco de ser tachado de apocalíptico, ao reiterar aqui o que venho afirmando ao longo do meio século de estudos, palestras, artigos, livros, pronunciamentos em congressos e na mídia em geral. Costumo responder aos que assim me acusam que há dois tipos de discursos a respeito dos efeitos da mídia e, particularmente, da televisão nas pessoas. O primeiro tipo de discurso, que eu respeito mas não adoto, é o de caráter opinativo, que resulta de elucubrações de caráter moralista, filosófico, religioso ou de qualquer outra natureza, que argumenta com lógica e convicção sobre os males que poderão resultar da exposição das crianças a influências malsãs, mascarada ou disfarçadamente lesivas aos seus sentimentos, à sua personalidade, ao seu desenvolvimento moral, à formação do seu caráter, à cidadania responsável e ao bem-estar comum. Alguns dos mais notáveis pensadores de todos os tempos manifestaram preocupação nesse sentido, desde a Antiguidade Clássica até nossos dias.

Reitero que se trata de um discurso pelo qual nutro a maior simpatia, mas não é o tipo de discurso que nestes cinquenta anos venho usando, a respeito dos efeitos da comunicação de massa nas pessoas.

SPEF - Qual é, então, especificamente o tipo de discurso que o Sr. adota na análise do problema?

SPN - Meu tipo preferido de discurso é outro, como psicólogo e pedagogo, ou cientista por formação e convicção, que prefere o arrazoado fundamentado em evidências de pesquisas científicas escorreitas, em fatos empiricamente constatados, nos experimentos, nas investigações em laboratório, em levantamentos rigorosos, em estudos correlacionais, em experimentos de campo, em laboriosas pesquisas longitudinais como as de Lefkowitz, Eron, Walder e Huesmann desde os anos 60, em trabalho de meta-análise etc. É, pois, com base nessa grande massa de evidências acumuladas nos últimos quarenta anos que acredito que devemos argumentar a respeito da nocividade de exposição da criança à má televisão.

SPEF - Existe literatura específica sobre isso, a nível de divulgação ao grande público?

SPN - Existe, felizmente, em nosso idioma um livro magnífico, que tive a honra de prefaciar e que reúne a mais cerrada e sólida argumentação de base científica sobre os efeitos da televisão. Seu autor é Guilherme Maurício Acosta-Orjuela e seu título é “15 motivos para ‘ficar de olho’ na televisão”, editado em Campinas pela Alínea em 1999. São 182 páginas densas, escritas com objetividade e rigor científico exemplares, cuja leitura aconselho com a maior urgência aos pais, aos professores, às autoridades governamentais, aos políticos, para que abram os olhos. Para que enxerguem o que a maioria não vê ou finge não ver...

Eu próprio estou finalizando um livro para ser publicado em 2002, igualmente pela editora Alínea, e que se intitula “A caixa eletrônica de Pandora”. Nele, tal como Acosta-Orjuela, com apoio nas minhas próprias pesquisas e na fundamentação empírica acumulada no exterior desde os tempos em que o cinema e depois a TV deram seus primeiros vagidos até os dias atuais, procuro não só mostrar que o rei chamado TV está nu, como pior ainda: está envenenando em escala planetária a nossa espécie e – o que é mais grave – envenenando em especial as mentes infantis.

Há um aspecto que desejo ressaltar aqui, quanto ao conjunto de influências comprovadamente deletérias que a televisão pode ter na vida da criança, tanto mais preocupante quanto maior é o número de horas durante as quais ela assiste à TV, quanto mais violenta,

cínica e boçal é a programação a que se expõe, quanto menor é a carga de ideias, sentimentos, valores, carinho, cuidados e atenção que ela recebe de adultos que têm importância para ela, quanto mais pobres são os modelos de pensamento, ação e convivência adultas a que ela está exposta no dia-a-dia da sua vida. O aspecto que se impõe como extremamente sério, em relação à análise dos efeitos da má TV na criança, é o da violência.

SPEF - Esse tema é estudado, no Brasil e no Exterior?

SPN - Agressão e violência são palavras que ganharam, nas últimas décadas, espaço cada vez maior no âmbito das pesquisas dos psicólogos. Pena que isto não tenha ocorrido no Brasil. Contam-se nos dedos, e nem sempre levam em conta tudo quanto se sabe a respeito desta problemática não com base em palpilogia, mas em pesquisa séria, as contribuições brasileiras neste domínio. Venho estudando a agressão humana desde os anos 60 e creio que fui o primeiro a ministrar uma disciplina, "Psicologia da agressão", em nível de pós-graduação em Psicologia. Isto aconteceu no Instituto de Psicologia da USP, em que lecionei, orientei teses e dissertações e fiz pesquisas neste âmbito, nas décadas de 1970 e 80. Algumas dessas teses e dissertações tratam especificamente dos efeitos da televisão nas pessoas, como, por exemplo, as de Lurdes Ferreira Coutinho (1972), Sílvia Cristina Grunauer (1990), Carla Witter e outras. Ao longo desse tempo, elaborei um modelo psicológico a respeito da agressão, que foi objeto de várias publicações, entre as quais "Psicologia da agressão" (1981) e, há quatro anos, "Frankenstein no laboratório mental: a psicologia da violência" (1997). Não pretendo, nem os limites desta entrevista o permitem, fazer aqui uma análise do vasto conjunto de conhecimentos seguros acumulados até agora a respeito; valer-me-ei, no entanto, de uma imagem familiar a todos, a do monstro criado pelo doutor Frankenstein, que está na obra de Mary Shelley. A autora faleceu há mais de 150 anos, em 1851, mas a ficção magistral que criou permanece conosco mais viva que nunca.

SPEF - Como o Sr. relaciona Frankenstein com o caso concreto da influência da televisão sobre as crianças?

SPN - Lá chegaremos. Vali-me da figura sinistra do monstro criado por Frankenstein como um modelo ou paradigma útil para concatenar uma extraordinária e complexa massa de resultados

de teorização e pesquisa psicológicas que, em sua maioria, datam da segunda metade do século XX, a propósito de comportamentos violentos e agressivos, desde manifestações sutis, disfarçadas, relativamente inofensivas, até atos de extrema crueldade e brutalidade. Desde, portanto, a agressão verbal, o beliscão, o tapinha de reprimenda, até o assassinio mais monstruoso – individual, em série ou em massa.

Violência, em termos psicológicos, tem a ver com as áreas de psicopatia, patologia social, psicologia do crime, delinquência juvenil, distúrbios de personalidade, cuidados no desenvolvimento infantil e influência de modelos no comportamento humano. Tem a ver particularmente com a psicologia do desenvolvimento moral, da resistência à tentação e da transgressão de normas. Como já disse antes, não vou sequer esboçar aqui esse meu modelo ou paradigma da violência que é fundamentado, além de outros fatores, no processamento inadequado ou defeituoso de informação na mente humana por desarranjo na “função executiva”, de autorregulação ou autocontrole, de que somos todos providos, envolvido na auto-inibição do comportamento para o qual as regiões pré-frontais do cérebro humano parecem ser especializadas. O descontrole dessa função executiva, em que a inibição deixa de ocorrer ou se dá qualquer outro tipo de alteração, é como se o monstro de Frankenstein assumisse o comando do laboratório mental do indivíduo.

SPEF - Quer dizer, então, que estamos criando monstros e não nos damos conta disso?

SPF - É precisamente isso. Indo mais além no uso dessa metáfora, estou mais e mais inclinado a crer que, nestas últimas décadas, a sociedade acabou por engendrar influências, condições e situações que estão criando à larga pequenos Frankensteins. Já em 1961 Daniel Boorstin, em “The image”, advertia que, se a TV continuasse a trilhar o descaminho que se esboçava naqueles anos 60 iniciais, em breve o botequim imundo, com sua boçalidade, suas brigas violentas e sua desfaçatez, e o prostíbulo, com o sexo aviltado e seu cortejo de misérias e indecências, estariam dentro da sala de estar das nossas casas perante os olhos da família. Não é preciso mais do que percorrer alguns dos canais de TV nos dias de hoje, nos chamados “horários nobres”, para concluir, como previa Boorstin, que a tasca nauseabunda e o bordel passaram a fazer parte do dia-a-dia

dos lares brasileiros. A verdade é que estamos fabricando, assim, os Frankensteins de amanhã, em meio à indiferença, à inconsciência, à irresponsabilidade e à amoralidade de boa parcela de anunciantes, dirigentes e pessoal da mídia, cegos e surdos à escalada da insensatez, violência e indecência na TV.

SPEF - Que recomendações concretas o Sr. dá aos pais e aos educadores?

SPN - Há um bom número de recomendações sensatas e praticáveis a esse respeito, no livro de Acosta-Orjuela. Lembro aqui, para finalizar, algumas medidas capazes de atenuar o problema das crianças que são vítimas da “babá-eletrônica”:

1. Reduzir sensivelmente o tempo de exposição das crianças (e dos adultos) à TV e itens associados (videocassete, videogame etc), após reconsiderar em família o modo pelo qual as pessoas usam a TV em casa.

2. Proporcionar alternativas de atividades dentro e fora de casa, que afastem a criança da TV.

3. Estar atento à programação assistida pelos filhos e monitorar tanto o tempo de TV como o conteúdo do que a criança vê.

4. Trocar experiências e discutir o problema da influência da TV no lar, na escola, junto aos amigos.

5. Discutir os programas vistos com os filhos.

6. Modificar seus próprios hábitos de ver TV, sendo mais seletivo, refinado, moderado e consciente.

7. Fazer com que as crianças vejam os pais lendo livros, jornais e revistas de boa qualidade, ao invés de ver TV.

8. Conversar mais com os filhos, ouvi-los, orientá-los, dar-lhes atenção, carinho e apoio.

Essas e outras medidas apontam conjuntamente para o reconhecimento de que precisamos fortalecer, orientar e prestigiar a instituição familiar – opondo-nos vigorosamente à atual corrosão da unidade familiar e aos efeitos perversos que decorrem do enfraquecimento da família no desenvolvimento de seus filhos.

SPEF - É um fato geralmente reconhecido que a TV mudou muito, no Brasil, durante este meio século. Mudou para melhor ou para pior?

SPN - Mudou, sim, mudou demais. Os avanços tecnológicos,

os bons programas, o refinamento em matéria de imagem e som, a busca de novos caminhos fazem parte do lado positivo. O que alarma é o lado sombrio – a multiplicação de baixaria, a escalada da brutalidade, a hipertrofia da licenciosidade e do deboche, a tônica do “quanto pior, melhor”, para garantir mais pontos (e, portanto, aumentar os lucros) em pesquisa de audiência.

Peço licença para sublinhar que sempre estive ligado profissionalmente à mídia: primeiro no jornalismo, no rádio, no cinema, e depois na TV e no vídeo. Fui responsável por muitos programas educativos da TV Cultura nos anos 70, participei com Nydia Lícia e Wilson Aguiar da coordenação do inesquecível Vila Sésamo, presidi a Funtevê do MEC no Rio, fui, no passado, conselheiro da Fundação Padre Anchieta...

Sinto-me, pois, à vontade para dizer que conheço muito bem a TV no Brasil e no mundo, no passado e no presente. E não escondo a minha desolação e o meu repúdio a essa TV de achinçalhe, de pornoviolência, de sensacionalismo primário, a funcionar como uma escola que ensina o que possa haver de mais degradante e destrutivo – uma escola de desrespeito à vida, ao próximo, a nós mesmos. Compare o que se via na programação típica da TV nos anos 50 ou 60, com o que se vê agora. E atente, como repetidamente tenho dito e escrito, para os resultados de pesquisas científicas sérias, sobre os efeitos deletérios da violência, exibida às catadupas na TV, sobre a personalidade e o comportamento, principalmente no caso das crianças e dos jovens. Será que as emissoras e seus anunciantes (que financiam, com a publicidade, essas TVs) ignoram isto?

[Transcrição de “São Paulo em foco”, ano II, nº 15, março de 2002]

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira n° 14 - Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

A Poesia e a Dor

A poesia é de fato um lenitivo
que todas nossas dores suaviza.
Ela atua de modo positivo,
nem mesmo estando a fé pouco indecisa.

As gotas milagrosas que utiliza,
possuem divinal princípio ativo,
que as musas, ao fundi-lo à suave brisa,
aplicam sobre o Ser, da dor cativo.

Se a cura resistir por um momento,
e leve a seu bom Deus o pensamento.
Relaxe. Feche os olhos. Tenha calma!

Embora insuportáveis, dolorosas,
já houve quem dissesse – em meio a prosas –
que as dores purificam a nossa alma.

(4/10/2012 – Dia de São Francisco de Assis)

Cientista Poeta

(para Francisco de Assis Ferraz de Mello)

*“Viver entre o Saber e a Fantasia!”
Foi essa a diretriz! Foi esse o lema!
Disposto a desvendar qualquer teorema,
domou – da Matemática – a alquimia!*

*O amor às Belas Artes e à Poesia,
circunda a sua mente, qual diadema.
Na vida, a honestidade é seu emblema,
na fé, o amor a Deus, sua alegria!*

*Ainda professor da “Agronomia”,
cientista, pesquisava e descobria,
das plantas, o sistema de alimento.*

*Cumprida honrosamente a sua meta,
o nobre professor, hoje poeta,
demonstra na Poesia o seu talento!*

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira n° 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Últimos instantes
(Prosa poética)

Pedaços da floresta,
crepitam na lareira,
exalando o pinho no verão abatido.

Lá fora, alvo lençol de neve,
envolve toda a choupana.

Enquanto o vento sorrateiro,
cansado de correr mundo, trepida a janela com lufadas

intermitentes,

trazendo o frio e a saudade.

Saudade!... ah!... saudade!...

– do velho do pinheiro agreste e hoje ressequido, ardendo,

na lareira;

– do lindo regato sob o sol dos finais de tardes;

– dos raios dourados penetrando através das árvores;

– das melodias inconfundíveis dos pássaros no bosque;

– do ritmo troante do gado indo ao curral;

– das cavalgadas pela planície ensolarada, em cujo horizonte

o céu se une com a terra, fazendo um casamento entre o místico e o desconhecido.

E nesta divagação, meneia a câ para

melhor observar, bruxuleantes chamas azuis,

que propiciam, à chaminé, fumaças que voluteiam no branco espaço.

Eis que surge novamente o vento, penetrando

pelas frestas, atinge o catre e anuncia:

O crepúsculo de uma vida, que bravamente um dia, esta
inóspita paragem vencia!...

Utopia

Carnaval, euforia...
com o povo, porre tomei..
Sonhava, ou tudo era sério
Numa terra onde passei?

Um país de maravilhas,
onde houve eleições.
Políticos todos idôneos!
E cadeias sem ladrões!

Nesse reinado de Momo,
muitos impostos não é mal,
Dinheiro guardado em cueca,
será cofre? ou fantasia de carnaval?

Algum tempo passado,
veio a desilusão.
O povo todo cantando,
o seguinte refrão:

Ah! Ah! Ah!
Votamos em Robin Hood,
elegemos o Ali Babá!

Nesta sinfonia,
controvérsia até o final.
Povo feliz é UTOPIA,
la...luri...luri...lalau!

P.S. – Utopia: país imaginário, criação do escritor inglês Thomas Morus (1480-1535), onde um governo sério e organizado propicia ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. Projeto irrealizável, fantasia, quimera (“Dicionário Aurélio”).

Manhã de Primavera

Sol despontando no horizonte,
nuvens doiradas bailam sobre os montes.
Vento passeia pelos galhos, anuncia a primavera
o cantar alegre dos inhambus na tiguera.

Cheiro gostoso de coisa nova no ar.
Sinto-me rejuvenescido e começo a observar;
primeiras flores se abrindo, intenso perfume exalar,
vaguejar de insetos, sobre a relva acariciar.

O passar da brisa traz o perfume, a saudade.
Uma brisa leve; acariciando as folhas das árvores,
rumorejar da cascata, vidas que nascem,
revoada de pássaros, todo espaço invade.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS NEDER
Cadeira n° 15- Patrono: Archimedes Dutra

**Medicina:
muito mais do que mera questão de saúde**

Escrevemos um trabalho intitulado: “Medicina, realidade, problemas e soluções”, publicado em nossa Revista, em seu n° 5, edição de maio de 2012.

Os problemas que a Medicina brasileira atravessa no momento são enormes, culminando com uma deficiência que envolve não só o aparelho formador, mas também as entidades classistas ligadas à Medicina, tais como a Associação Brasileira de Medicina, o Conselho Regional de Medicina e o Ministério da Saúde.

Resolvemos voltar ao tema, devido ao fato de o assunto ser de interesse público, em especial, para os estudiosos e interessados em conhecer a realidade, bem como para subsidiar os dirigentes políticos e educacionais, com argumentos reais e diretos dessa problemática.

Inicialmente, tomamos a liberdade de transcrever o nosso trabalho citado em epígrafe.

“Parece haver hoje em nosso país uma política deliberada de desqualificação da medicina e dos médicos.

A despeito de ser ainda centro de excelência e referência mundial em várias especialidades, o Brasil coloca o seu sistema em xeque dia a dia, por equívocos ou falta de visão de parte dos gestores.

Atualmente, um grande vilão da desconstrução da medicina é o aparelho formador. A abertura indiscriminada de escolas de medicina não foi enfrentada com a devida seriedade e os resultados são nefastos.

Partindo da ideia de que a problemática da educação em qualquer país é consequência e não causa da situação sócio-econômica, cultural e política, deveríamos debater alguns dados para podermos compreender os

rumos do ensino superior em geral, e do ensino médico em particular.

Ao passar do tempo, verificamos que a transmissão da cultura, compromisso tradicional da Universidade, foi cedendo lugar à filosofia de preenchimento das necessidades imediatas. Substituiu-se a ética do ser pela ética do ter.

O aluno é tido como um produto para o mercado de trabalho. Os vestibulandos passam a procurar profissões cuja imagem é de sucesso no campo econômico e social.

Não se indaga se o aluno tem aptidão para determinada profissão, quais suas capacidades, tendências, indicações ou vontades.

Na saúde, existe a necessidade de generalistas, mas formam-se especialistas. Há necessidade de dar mais atenção aos problemas coletivos, mas os formandos são orientados para os problemas individuais.

Mesmo mal orientados quanto a sua formação e objetivos coletivos, os formandos não possuem em sua grande maioria mínimas condições para atendimento clínico.

Recente avaliação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, com estudantes do sexto ano, portanto formandos, atestou que quase 50% deles não sabe interpretar radiografia ou fazer diagnóstico após receber informações dos pacientes.

Também cerca de metade administrava tratamento impreciso para infecção na garganta, meningite e sífilis. Ainda não seria capaz de identificar febre alta como fator que eleva o risco de infecção grave em bebê.

O baixo percentual de acertos em campos essenciais da medicina, como Saúde Pública (49% de acertos), obstetrícia (54%), clínica médica (56,50%) e pediatria (50,30%) é alarmante.

Esses dados reforçam ainda mais a idéia de que é necessário que o formando realize pelo menos um ano de clínica médica antes de ingressar no atendimento da população.

Aliás, os índices de reprovação, desde que a avaliação foi criada em 2007, mostram que muitos novos médicos não estão preparados para exercer a profissão. Some-se a esses problemas de má formação profissional a deficiência já citada da Residência Médica, onde quase 50% dos formados não conseguem por vários motivos obtê-la.

De certa forma, a responsabilidade não é só dos formados que pagam mensalidades caríssimas, convictos de que receberam conhecimentos suficientes para bem servir ao próximo. É fruto da mercantilização do en-

sino médico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Panamericana de Saúde (OPS) concluíram que dos aproximados 15 mil médicos formados anualmente apenas 53% deles alcançam a Residência Médica 1, e 47% não o fazem por vários motivos e partem ainda assim, respaldados por Lei, a realizar atendimentos clínicos, sem o mínimo de conhecimentos. Porém, mesmo sendo apenas bacharéis em medicina são favorecidos e exercem a profissão, em detrimento da população menos favorecida.

Quando lembramos que os alunos do sexto ano, formandos, possuem baixo rendimento comprovado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, algo deve ser feito em prol da Saúde Pública, com urgência. Temos o exemplo da OAB, que graças ao enorme número de faculdades de Direito, exige uma reavaliação dos conhecimentos dos formados, através do exame da Ordem.

Algo parecido precisa urgentemente ser feito na área médica, pois o número de faculdades de medicina cresceu desordenadamente, muitas delas sem condições reais de funcionamento. Há de se encontrar uma forma para filtrar os formados, protegendo assim a população menos favorecida.

Faz tempo que as Escolas Médicas são abertas com qualidade absolutamente contestável. Além disso, existem regiões do país que estão superlotadas de Faculdades, em detrimento das regiões norte-nordeste, onde a deficiência de Faculdades é enorme.

Não discutimos a quantidade de médicos formados, mas sim a sua capacidade para atender clinicamente a população.

O excesso de médicos nas regiões sudeste e sul do país é comprovado pela OMS e pela OPS. Segundo essas organizações, o número de pacientes por médico deveria ser de 3 mil e, no entanto, a média é de 400 pacientes, o que mostra o número elevado de médicos nessas regiões. Em contrapartida, no norte-nordeste é aproximadamente de 12 mil, o que demonstra a falta de médicos naquelas regiões.

Além do fator político, na criação de novas faculdades de medicina predomina o fator mercantilizante, que muitas vezes é unido ao fator político. A maioria das faculdades de medicina é autorizada a funcionar sem possuir ao seu lado um hospital-escola, com corpo docente e capacitação discutível, falhas na grade pedagógica, além de outros problemas. Em tempo, não podemos confundir a existência de um Hospital com um Hospital Escola, que é inteiramente voltado ao atendimento da Faculdade.

Dessas faculdades mambembes, saem todos os anos profissionais de formação falha. Não dá para fechar os olhos, pois isso é um risco para a vida de todos os cidadãos.

Para agravar a situação, o perigo não mora só aqui, também vem de fora. Nos últimos dias, por exemplo, foi noticiado amplamente que o Governo Federal adotará nova estratégia para facilitar a revalidação de diplomas de médicos brasileiros formados na Escola Latino Americana de Medicina de Cuba.

Com recurso de nossos impostos, eles farão estágios em hospitais públicos, recebendo bolsas, enquanto fazem cursinho de reforço para se preparar para uma prova de revalidação do diploma. Ressalto que a revalidação desses diplomas de médicos estrangeiros, e principalmente de brasileiros formados em outros países, é um processo democrático, contudo são necessárias regras rígidas para não expor os cidadãos à incompetência profissional oriunda de modelos de formação inadequada ou insuficiente.

Como se já não bastassem os nossos problemas para cuidar da formação dos nossos médicos, readequando nossas Faculdades de medicina, dando ao produto final mais qualidade para o atendimento da população, eis que temos ainda que absorver problemas que vêm do exterior para o nosso país.

Tenta-se na atual conjuntura mais um remédio para esconder a incompetência com que se concebem políticas consistentes para garantir a universalidade e integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

Busca-se mão de obra barata para atender regiões de fronteira de difícil acesso. Enfim, parece que se planeja oferecer medicina de segunda categoria para os carentes e desassistidos. Não podemos compactuar de forma alguma com isso.

Conclusões finais e agravante: o médico é pessimamente remunerado no serviço público, onde seus honorários são bem inferiores à sua qualificação e responsabilidades. Para agravar ainda mais essa situação, ocorre o mau atendimento e cumprimento de horários de serviços. Como a ele é determinado um número de atendimentos diários, ele cumpre essa missão, segundo os horários estabelecidos, sem se preocupar com a qualidade do atendimento.

Para finalizar: o médico deve fazer o exame anamnético – que corresponde a exames objetivos e subjetivos – conversar com o paciente sobre seus problemas, no mínimo por 15 minutos, a fim de ter noção dos

seus problemas clínicos.

Porém, o que ocorre é o absurdo de o paciente ser atendido no exame anamnésico por no máximo dois minutos. Não é possível, humanamente, o profissional médico obter nesse curto espaço de tempo diagnóstico próximo do correto.

A defesa feita pelos médicos para mim é inaceitável, pois eles alegam serem obrigados ao cumprimento do horário a eles estabelecido. Creio que mesmo aumentando o número de médicos na clínica, o problema continuará, pois trata-se de uma má formação cultural e médica inadequada, já relatada neste trabalho.”

Findada esta transcrição, temos o endosso dos seguintes estudiosos do mesmo assunto: o Professor Doutor Adib Jatene – Cardiologista, Professor Emérito da Faculdade de Medicina da USP, ex-Ministro da Saúde e atual Diretor Geral do Hospital do Coração, em São Paulo; e o Professor Doutor Miguel Srougi – Pós-Graduado em Urologia pela Universidade de Havard (EUA), Professor Titular de Urologia da Faculdade de Medicina da USP e Presidente do Conselho do Instituto Criança É Vida.

Comprovamos isso com a publicação veiculada em 22 de junho de 2012, através da fala do Professor Doutor Adib Jatene, que critica a expansão de vagas em Curso de Medicina, dizendo ainda que pode deixar a Comissão de Especialistas que coordena no MEC, se esse fato ocorrer.

Vamos ao texto:

“Coordenador de grupo do Ministério da Educação que trabalha na supervisão de cursos de medicina, o ex-ministro Adib Jatene afirmou ser contrário à expansão de vagas na área, anunciada semana passada pelo governo.

Jatene disse à Folha que ele e os demais integrantes da comissão podem se afastar “dependendo do resultado” da reunião a ser feita até julho com o ministro Aloizio Mercadante (Educação).

O ministro autorizou a ampliação de 15% das vagas.

“Tem indicativo de que algumas das faculdades [que terão novas vagas] são muito ruins”, afirmou Jatene, professor e ministro da Saúde nos governos Sarney e FHC.”

Ainda nesse sentido, para demonstrar o que relatamos acima, o Professor e Doutor Miguel Srougi escreveu na “Folha de São Paulo”, do dia 28 de novembro de 2012, o artigo intitulado “Médicos inaptos: algozes ou vítimas? ”, que passaremos a transcrever:

“Os últimos dias não foram de felicidade para os brasileiros. Entre outros motivos, descobriram que 54,5% dos médicos recém-formados da nação são inaptos para a profissão.

Não fiquei surpreso com o número e com a indignação. Afinal, lideranças e educadores médicos já conheciam a indecência e, impotentes, nunca conseguiram eliminá-la. Sem tergiversar, julgo que profissionais inaptos devem ser impedidos de exercer a profissão e que uma legislação impondo um exame de capacitação dos novos médicos já deveria ter sido promulgada.

Contudo, não posso deixar de expressar certa angústia quando dirijo um olhar a esse grupo. Confesso que nunca me deparei com um médico recém-formado que não acalentasse o sonho de se tornar um profissional respeitado. Se isso não se concretiza, suspeito que outras razões produzem o descompasso. Entre elas, a mistura de uma sociedade complacente e governantes incompetentes.

Como ignorar a influência negativa da sociedade, que se rejubila com a abertura de novas escolas médicas, iludida pela ideia de que estão sendo criadas maiores oportunidades para seus jovens? Cedendo a esses apelos e à pressão de empresários oportunistas, o governo federal autorizou, entre 2000 e 2012, a abertura de 98 novas faculdades, perfazendo um total de 198 escolas no país; nos Estados Unidos, habitado por 314,3 milhões de pessoas, existem 137 instituições similares.

Numa nação de dimensões continentais e insuportável desigualdade, seria racional que as novas escolas médicas fossem acomodadas em regiões remotas do Brasil. Contudo, 70% delas foram instaladas na região sudeste, rica e congestionada, e 74% são de natureza privada, cobrando taxas exorbitantes de alunos.

Contrariando as leis vigentes, a maioria desses centros não dispõe de instalações hospitalares adaptadas para o ensino e carecem de corpo docente qualificado. Isso indica que o processo foi norteado por interesses políticos menores e pelo anseio do lucro desmedido e predador.

Agravando esse cenário, autoridades federais têm dado demonstrações adicionais de inconsequência e de tolerância suspeita. Uma comissão

especial do MEC presidida pelo professor Adib Jatene descredenciou, há um ano, algumas escolas médicas, pela baixa qualidade de ensino. De forma misteriosa e inexplicável, a Comissão Nacional de Educação cancelou, em fevereiro passado, a ação corretiva adotada. Resolução nefasta para a sociedade brasileira e auspiciosa para os mesmos predadores da nação.

Nossa presidente anunciou sua disposição de abrir mais 4.500 vagas para alunos de medicina (algo como 55 novas escolas). Num momento em que as universidades federais se encontram em estado de penúria, essa meta torna-se um devaneio descompassado com a realidade da nação.

Mais importante do que criar novas faculdades seria aumentar as vagas para residência médica. Cerca de 6.000 novos médicos formados a cada ano não dispõem de locais para realizar a residência, a etapa mais relevante para a formação de profissionais qualificados.

Outra proposta governamental, tão cândida quanto descabida, é autorizar o trabalho em nosso país de médicos patrícios formados no exterior, sem exames de proficiência. Se 54,5% de médicos recém-formados inaptos causam indignação, como reagir ao fato de que em 2011, num exame oficial de revalidação de diplomas de 677 médicos graduados no exterior, 90,5% deles foram considerados inaptos?

Termino referindo-me a uma realidade que Riobaldo, o jagunço-filósofo de Guimarães Rosa, soube muito bem descortinar. “Um sentir é o do sentente, mas o outro é do sentidor.”

Reconheço que as inquietações expressas sobre as aptidões dos recém-formados são justificadas por quem sente de fora. Mas como um dos que sentem de dentro, não posso deixar de dizer que, ao invés de algozes, a imensa maioria dos novos médicos da nação são vítimas de um enredo perverso que mistura uma sociedade permissiva, escolas médicas deficientes e governantes incapazes. Que transformam esperanças incontidas em sonhos frustrados.”

Ainda sobre o tema, o já citado Professor Doutor Adib Jatene, no artigo publicado em 3 de dezembro de 2012, na “Folha de São Paulo”, com o título “Uma Nova Proposta”, debruça-se novamente, sobre esse problema. No artigo mencionado, aponta de forma clara uma proposta para solucionar o colapso educacional que envolve a medicina brasileira.

Nesse artigo, Jatene claramente enfrenta as questões já apresentadas, que são: a criação ineficaz de novas Faculdades de Medici-

na, a explosão da criação de novas vagas em Faculdades deficientes, a importação de profissionais inaptos, ou ainda a tentativa inábil de habilitar médicos estrangeiros para legal atuação no Brasil, a concentração da territorialidade das Faculdades abertas e a total ausência da criação das vagas para residência médica no país.

Visando formular uma saída realista da condição sinuosa em que está colocada a Medicina brasileira, devido à falta de amparo governamental e disposição política, o Professor Adib Jatene sugere uma possibilidade para escapar desse colapso: que os alunos do 6º ano de Medicina atuem obrigatoriamente por dois anos no Programa Saúde da Família, antes da residência médica.

Segundo ele, esse seria um primeiro passo para se conseguir administrar o tempo adequado para a ampliação e qualificação das vagas em residência médica em todo o país, sem deixar a população, tanto a que será atendida, como a população que está sendo formada à margem de uma integração efetiva que solucionasse o problema.

* * *

Não somente grandes mestres da Medicina se preocupam com o problema, mas também profissionais experientes de outras áreas. No dia 22/12/2012, lemos no jornal "A Tribuna Piracicabana" artigo intitulado "Com saúde não se brinca!", publicado pelo escritor, jornalista e professor de História Armando Alexandre dos Santos, nosso companheiro na Academia Piracicabana de Letras.

É interessante notar como o enfoque que ele faz, em seu escrito, vem ao encontro daquele que usamos no nosso artigo, assim como os dos dois professores de Medicina citados neste trabalho. Ele começa por falar no famoso "Exame da Ordem", instituído no Brasil há mais de 40 anos, para aferir quais os bacharéis em Direito que estão efetivamente aptos ao exercício das funções de advogado. Citando fontes fidedignas, mostra que o Brasil é o país que possui, proporcionalmente a sua população, o maior número de pessoas com formação universitária em Direito, em todo o mundo. Em 2010, já tínhamos 713 mil advogados inscritos na Ordem dos Advogados e cerca de 3 milhões de bacharéis em Direito não inscritos na OAB. A cada ano, 100 mil novos bacharéis são despejados no mercado de

trabalho por nossas faculdades de Direito. Por falar nelas, um dado surpreendente: o Brasil, sozinho, possui mais faculdades de Direito do que todo o resto do mundo.

O articulista defende que, à maneira do que já ocorre com o Direito, haja também exames unificados para as demais carreiras universitárias. Segundo ele, professores, engenheiros, médicos, dentistas, químicos, biólogos etc., todos, sem exceção, deveriam passar por essa prova que, no caso dos advogados, se mostrou indispensável.

Falando concretamente dos médicos, cita pesquisas divulgadas pela imprensa acerca dos exames anuais que o CREMESP efetua para estudantes do último ano de Medicina no Estado de São Paulo. No último ano, o resultado desse exame foi assustador: 54,5% dos examinados foram reprovados. E comenta: *“Se tal acontece na unidade mais rica e desenvolvida da Federação, justamente naquela que concentra o maior número de cursos médicos, é razoável supor que não seja melhor a situação de outras regiões do Brasil.”*

Transcreve a seguir oportuna declaração do Prof. Bráulio Luna Filho, que leciona Medicina na Unifesp e foi o coordenador do exame do Cremesp. Esse profissional constatou com tristeza: *“Isso nos deixa temerosos sobre o exercício profissional futuro desses colegas. Infelizmente, a população não tem como saber se o indivíduo foi bem treinado. O problema é maior nas camadas mais pobres, porque o médico recém-formado vai atender nas unidades mais periféricas”.*

Merece ainda ser transcrito textualmente o parágrafo com que o lúcido artigo de Armando Alexandre dos Santos é encerrado:

“A nosso ver, seria indispensável um exame rigoroso para os médicos saídos de nossas faculdades de Medicina e, ainda mais rigoroso, para aqueles que fizeram seu curso no Exterior (nas tão afamadas escolas de Medicina de Cuba, por exemplo) e pretendem aqui revalidar seus diplomas. Afinal de contas, com saúde não se brinca!”

* * *

Finalmente, para encerrar, nós nos sentimos satisfeitos por termos iniciado o debate dessa problemática nacional, que hoje, como demonstramos, através dos posicionamentos de renomados

profissionais da área médica e educacional, que endossaram nossa primeira opinião e a levaram à frente, já está repercutindo inclusive nos programas governamentais.

O posicionamento crítico dos médicos especialistas citados neste artigo influenciou e fundamentou determinações ministeriais dignas de louvor. Por consenso entre o Ministério da Educação e Cultura e o Ministério da Saúde, está atualmente vedada a criação de Faculdades em regiões que já possuam alta concentração de Faculdades de Medicina, vedando também a criação de novas Faculdades, mesmo em áreas em que faltam os médicos, se não forem adequadamente conjugadas com Hospitais-Escola, para atender às necessidades da residência médica.

Isso comprova a importância de nosso trabalho, independente das opiniões críticas inicialmente contrárias, que não estavam em compasso com a realidade.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI

Cadeira nº 16 - Patrono: José Mathias Bragion

Interrogação apenas

*“O homem não tem razão para filosofar,
exceto para atingir a felicidade”.*

(Santo Agostinho)

Envolta em faixas de luminosidade, no silêncio noturno de um local aconchegante, acordei energizada e comovida. Fui direto ao espelho e fixei meus olhos na imagem dos meus olhos. Franzi a testa e vibrei:

– Hoje é meu aniversário!

Afastei-me do espelho um pouco sonolenta, ansiosa por perceber a escuridão da noite, a esperar os primeiros raios solares. Nesse momento insisti para que meu superego fosse buscar fatos pitorescos de outros aniversários natalícios.

Recordei festas, festinhas, festanças: a felicidade de meus pais protegendo-me como a galinha choca cuida de sua prole, a alegria dos irmãos, dos amigos e dos presentes. Que graça a boneca Natália, de cabeça de cerâmica e o corpo de pano? Da pequenina e sorridente boneca Cristina Maria? O brinquedo patinete que ganhei do Fábio? E a bola de vôlei oferecida pelo Pedro? Esses meus amigos maravilhosos eram realmente especiais!

Recordo também com saudade do anel de rubi, lindo no formato e cor vibrante; da pulseira de metal nobre, ouro, de chapinha com meu nome gravado e outros.

Tudo encontrava-se guardado no meu relicário! Precisa introspecção! Quanta emoção! Sentia-me uma rainha junto aos príncipes e princesas.

Sensibilidade matinal

Olhem para o horizonte
espetáculo sem fim da natureza
O sol majestoso vem a terra abraçar
irradiando luz, calor, sem nada pedir,
faz a trajetória, até partir.

Na matinal aparição,
rochas, rios, lagos
sentem a ação solar
e se põem a agradecer.
pois o sol domina o espaço!

O ser humano sente o amanhecer:
canta, vibra, se alegre e crê?
Não sei.
Apressado
espera uma resposta.

Se hoje perdeu o grande espetáculo,
amanhã verá altivo, veemente,
pois no horizonte estará presente.
Voltará, independente de você
mas... para você!

Mulher e rosas

Debaixo da figueira
Sob as cores do arco-íris,
Ao sentir o perfume da floreira,
Num instante, se descobre.

Mulher século vinte e um,
Ser atuante, ideológico,
Trilha caminhos suaves e tortuosos
Respeita a linha cronológica.

Tem altivez e paciência
Desafia teorias utópicas
Age com razão e prudência
Não vê tudo cor-de-rosa.

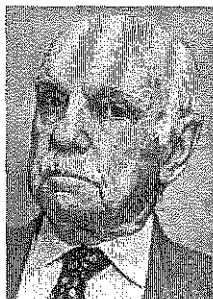
Com pretensão literária
Faz poesia e prosas
Sonha com naturalidade
Com amores e rosas.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira n° 10 - Patrono: Brasília Machado

Homenageando a memória de Hernâni Donato

(1922-2012)



Já conhecia Hernâni Donato por suas obras e por sua fama desde os anos 70, quando comecei a frequentar o arquivo e a biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, mas somente tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente em agosto de 1994, no dia mesmo em que ingressei neste Instituto.

Hernâni estava, então, iniciando seu primeiro mandato como Presidente da associação. Antes dele, fora Presidente por oito anos o saudoso e sempre querido Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, que tinha adotado por norma geral não admitir novos membros durante sua gestão, por entender que o Instituto estava com número excessivo de sócios. Preferia esperar que o curso inexorável do tempo fizesse sua ceifa inclemente, para que somente mais tarde, na administração seguinte, pudessem ser feitas novas admissões.

Logo que Hernâni Donato assumiu a presidência, abriu a possibilidade de novos ingressantes. Foi então que me convidaram e tive a honra de adentrar esta Casa de Cultura paulista e brasileira, integrando a última leva de membros admitidos ainda no primeiro século de existência do Instituto, que três meses depois atingiria o centenário.

Na cerimônia de recepção dos novos membros, o que cha-

mou a atenção de todos os presentes foi o modo ao mesmo tempo formal e digno, mas acolhedor e quase diria carinhoso, com que Hernâni apresentou cada um. Foi então que se revelou, diante dos meus olhos, sua faceta humana, afetiva e familiar.

Hernâni presidia a Mesa, e ao chamar cada um dos admitidos, fazia uma breve exposição dos motivos pelos quais estava ingressando no sodalício e o que o Instituto esperava de cada um. Éramos uns 12 ou 15 novos membros. Fizeram parte dessa turma o Prof. Aziz Nacib Ab´Saber, o Prof. Crodowaldo Pagan, a Profª. Maria Luíza Marcílio – nomes de primeira grandeza na USP. Entre os do interior de São Paulo, recorro o Dr. Pedro Paulo Filho, de Campos do Jordão, e o Prof. José Chiachiri Filho, da Franca. Recorro ainda que os dois mais jovens admitidos eram o Maestro José Carlos Amaral Vieira e eu. Infelizmente, não recorro de momento os nomes dos demais.

Impressionou a todos a minuciosidade com que Hernâni se referiu a cada um – desde os grandes até os mais modestos e jovens como eu – demonstrando conhecer bem os currículos de todos. As apresentações foram pessoais e individualizadas, sem nada de genérico ou estereotipado. Não utilizou nenhum clichê, não fez generalizações, não se limitou a fórmulas vazias.

Nada disso. Sua apresentação era singela, substantiva, direta, mas, como disse, minuciosa e exatamente adequada ao perfil de cada qual. Cada um de nós se sentiu conhecido, avaliado e estimulado pelo nosso Presidente. Essa nota humana, afetiva e até sentimental de Hernâni ficou patente a todos os presentes.

O ponto alto da sessão, pela sua carga dramática e emocional, foi quando José Chiachiri Filho foi tomar posse. Sendo deficiente visual, dirigiu-se até a mesa conduzido pelo seu filho, então adolescente. Nas breves palavras de agradecimento que proferiu, lembrou que, trinta e tantos anos antes, quando ainda tinha uso da visão, na mesma sala conduzira pela mão seu velho pai, também deficiente visual, quando este tomara posse no IHGSP. E concluiu dizendo que esperava que seu jovem filho seguisse a tradição e merecesse tornar-se, ele também, membro do IHGSP, mas que ao tomar posse, algumas décadas mais tarde, estivesse com visão perfeita e não precisasse ser, como o pai e o avô, conduzido por outra pessoa.

A cena era realmente impressionante. A comoção foi geral. Hernâni chegou a ficar com os olhos úmidos.

A dimensão humana de Hernâni, profundamente afetivo

com soem ser os latinos em geral e os italianos em particular, marcou a sessão. Essa mesma dimensão sempre a senti muito presente, nos incontáveis contactos que com ele tive nos últimos 18 anos.

Hernâni era um amigo, um conselheiro, um mentor. Incentivava os mais jovens. Estimulava-os. Nunca deixava de ter para todos nós uma palavra de orientação, de estímulo, de apoio. Sabíamos que com ele se podia contar, nas boas e nas más horas.

Depois de muitos anos de convívio quase diário, mudei-me para Piracicaba e, desde então, os contatos foram mais raros, quase somente por telefonemas. Nos últimos sete anos, creio que somente três ou quatro vezes estivemos juntos. Mas em nada se alterou o teor da velha amizade com que ele me honrava.

Foi, por isso, com uma tristeza muito grande que soube de seu falecimento, ocorrido no dia 22 de outubro último. Foi o nosso comum amigo Prof. José Carlos de Moura que, telefonando para a casa de Hernâni na manhã daquele dia, ficou sabendo que este acabara de falecer no hospital, e logo em seguida me avisou.

Laconicamente, assim rezava a notícia divulgada pela imprensa no dia seguinte:

*“Morreu na manhã desta quinta-feira (22), no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, o escritor, historiador, jornalista, tradutor e roteirista **Hernâni Donato**. O autor será enterrado nesta sexta-feira, às 10h, no cemitério Gethsemani, no Morumbi. Ele tinha 90 anos e ocupava a cadeira nº 20 da Academia Paulista de Letras”.*

Soube de mais pormenores por sua esposa, D. Nelly Donato. Três ou quatro dias antes do falecimento, Hernâni recebera, na UTI do Hospital, a visita de seu amigo D. Fernando Figueiredo, Bispo de Santo Amaro, que estava saindo de viagem para Roma, mas quis visitar Hernâni e administrar-lhe a Unção dos Enfermos.

Hernâni era desses homens que nos habituamos a supor que nunca morrem, não apenas no sentido metafórico e simbólico de ser um “imortal” membro da Academia Paulista de Letras, mas porque sua vitalidade extraordinária, sua vivacidade de espírito, seu incansável trabalho, sua energia e seu entusiasmo contagiantes, davam-nos a ilusão de que aquele jovem de 90 anos ainda teria um longo percurso pela frente.

Lutou durante 20 anos contra um câncer, mas isso não o impediu de prosseguir as atividades. Trabalhou até o fim, nunca esmo-

receu. No hospital (relatou D. Nelly), ainda estava empenhado na redação de três livros e comentava com seu médico que não podia morrer sem tê-los concluído.

Iniciou a vida em Botucatu, a cidade dos bons ares, pela qual conservou sempre um carinho e um amor muito assinalados. Em Botucatu, é considerado a justo título uma glória da cidade, ali sempre foi respeitadíssimo, assim como seu antigo condiscípulo Francisco Marins, igualmente membro da Academia Paulista de Letras. Aos 11 anos de idade, escreveram os dois um romance infantil, a quatro mãos. Cada um escrevia um capítulo, alternadamente, e a obra chegou a ser publicada em capítulos, no clássico sistema de folhetim, por um suplemento literário do grupo Diários Associados. Seu título: "O Tesouro". O título faz supor uma influência de Robert Louis Stevenson, autor que, com "A Ilha do Tesouro", vem encantando sucessivas gerações de adolescentes nos últimos 130 anos...

Essas foram as primícias do talento dos dois juveníssimos escritores, que tanto haveriam de brilhar nas letras paulistas. Mais tarde, aos 19 anos, Hernâni empreendeu uma tradução da "Divina Comédia", considerada até hoje das melhores existentes para nosso idioma.

A partir daí, as produções literárias foram se sucedendo ininterruptamente, chegando à casa dos 80 volumes publicados, nos mais diversos gêneros: livros históricos, obras de referência, biografias, livros infantis, novelas, romances etc. Os prêmios também foram sendo acumulados em seu currículo.

Historiador consciencioso e bem documentado, sabia escrever do mesmo modo atraente e cativante com que falava. Os leitores sorviam, literalmente, seus livros, todos escritos de modo a prender a atenção do começo ao fim. Quando vejo historiadores de formação criticarem jornalistas que escrevem sobre temas históricos e alcançam grandes tiragens, como é o caso de Hernâni, não posso deixar de me perguntar: por que historiadores de formação não escrevem também de modo interessante e adequado ao grande público, mas fazem questão de produzir textos acadêmicos... que só outros acadêmicos conseguem ler e entender?

Hernâni escrevia livros históricos e biografias que, sem embargo do forte embasamento documental, pareciam novelas, lembravam roteiros de cinema. Mais de um livro seu foi, aliás, objeto de adaptações para o cinema.

Profundamente brasileiro e paulista, Hernâni produziu obra de interesse universal, o que pode ser atestado pelas inúmeras traduções que vários de seus livros tiveram, até mesmo para idiomas muito distantes do nosso.

Sua erudição era espantosa e de grande precisão. Recordo certa ocasião que lhe perguntei como eram iluminadas as casas paulistas no século XVII. “Depende – respondeu com segurança. Até certa altura desse período, mais usada era a cera de abelha, transformada em velas. Depois, generalizou-se o uso do óleo de baleia, também utilizado na argamassa para construção”. E explicou que pelo exame da documentação conservada no Arquivo do Estado conseguira situar, de modo bastante aproximado, quando o óleo de baleia tinha começado a servir nos candeeiros paulistas.

De outra feita, perguntei-lhe acerca da realização de touradas, na São Paulo antiga, já que minha avó – nascida em Portugal em 1880 e vinda para o Brasil em 1886 – se recordava de ter assistido a corridas de touros no antigo Largo dos Curros, depois transformado em Praça da República. Sem qualquer consulta a apontamentos, Hernâni não somente falou das touradas na capital paulista, realizadas até cerca de 1910, mas citou nominalmente várias cidades do interior que até bem depois disso mantiveram touradas, nas quais se exibiam toureiros nacionais e estrangeiros, e até falou de uma toureira muito famosa, que causou sensação em várias cidades paulistas pelo seu desempenho corajoso. Revelou ainda que tinha apontamentos completos sobre o assunto, mas nunca tivera tempo de redigir algo mais profundo a respeito.

Hernâni teve vida profissional muito intensa, chegando aos mais altos postos do Grupo Abril e da Companhia Melhoramentos. Trabalhou também na imprensa e em vários canais de televisão. Associativamente, além de membro da Academia Paulista de Letras (cuja revista dirigiu por muitos anos, nela promovendo uma salutar atualização, com excelente projeto gráfico), foi também duas vezes Presidente do IHGSP. Recebeu merecidamente, do nosso Instituto, o título de Presidente Perpétuo de honra.

Sua solicitude pelo Instituto era enorme. Mesmo depois do agravamento de sua enfermidade, praticamente todas as manhãs tinha longas conversações com sua Presidente, Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, pois gostava de se manter atualizado sobre os assuntos do Instituto. Nas horas difíceis, que não foram poucas,

Hernâni sempre esteve ao lado da nossa valorosa e ativa Presidente, trocando ideias, dando sugestões, aconselhando. Era um interlocutor ideal que a Dra. Nelly sempre apreciou e cuja colaboração soube utilizar a bem do Instituto.

Não posso concluir esta fala sem uma menção muito especial a D. Nelly Donato, aqui presente, dama de cultura excepcional, esposa dedicada e cooperadora intelectual da obra de Hernâni.

Costuma-se dizer que uma grande mulher sempre está por trás de todo grande homem.

Nelly Donato é a grande mulher que discreta e eficazmente, durante décadas, esteve sempre por trás do grande homem que foi Hernâni Donato. É de justiça que a ela se estendam as homenagens que hoje prestamos à memória de seu marido.

[O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo realizou, no dia 25 de janeiro de 2013, uma sessão solene em homenagem a Hernâni Donato.

O autor foi convidado a ser um dos oradores, mas, impossibilitado de comparecer por motivo de força maior, compôs esta comunicação escrita, para ser lida no ato.]

O humorista Carlos de Laet

Carlos Maximiliano Pimenta de Laet, o jornalista e polemista católico e monárquico, meu patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, era terrível...

Seus adversários o temiam porque era mestre na arte de esgrimir argumentos. Desde a primeira polêmica que travou, sendo ainda bem jovem, com o já consagrado Camilo Castelo Branco, até a última, em que terçou armas com Jackson de Figueiredo, nunca resistiu à tentação de se meter numa boa polêmica. Argumentava com vigor e tinha um especial talento para colocar seus adversários em posição ridícula, atraindo para si as simpatias dos incontáveis leitores que gostavam de rir.

Laet não é nome francês e não se pronuncia à moda francesa, como geralmente se pensa, mas é nome holandês e deve ser

pronunciado mais ou menos como *La-â-te* – segundo me explicou, certa ocasião, um erudito conhecedor desse idioma. De fato, Laet descendia remotamente de holandeses.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1847, falecendo na mesma cidade, no ano de 1927. Fez seus estudos no Colégio Pedro II, onde se bacharelou em Letras, e depois cursou a Escola Central (atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro), nela se graduando como engenheiro.

Preferiu, entretanto, dedicar-se ao jornalismo e ao magistério. Desde 1873 lecionou no Colégio Pedro II, como Professor Catedrático de Português, Geografia e Aritmética. É curioso que três disciplinas tão díspares estivessem, na época, reunidas sob a alçada de um único docente.

No jornalismo, deixou milhares de artigos dispersos por jornais cariocas, muitos deles escritos sob pseudônimos variados. Publicou relativamente poucos livros em vida, mas sua obra, se reunida, encheria dezenas de volumes. Infelizmente a imensa maioria da produção intelectual de Laet ficou dispersa pela imprensa. Algumas coletâneas se fizeram, mas incompletas e insuficientes.

Foi eleito deputado à Assembleia Geral, nas últimas eleições realizadas no Império, pelo Partido Liberal, mas não chegou a tomar posse, devido ao golpe do 15 de Novembro.

Já na República, foi demitido da condição de professor catedrático do Colégio Pedro II, por haver protestado contra a mudança do nome dessa escola. O Governo Provisório, pelo Decreto nº 9, de 21-11-1889, pretendeu denominá-lo “Instituto Nacional de Educação Secundária”.

Laet era catedrático do Pedro II desde 1873, tendo prestado duas vezes concurso para essa função, e em ambas obtido o primeiro lugar. Mas somente em 1915, por decreto do Presidente Venceslau Brás, pôde retornar à atividade docente no Pedro II – que já então havia retomado o nome tradicional – e a partir de 1917 assumiu o cargo de Diretor do Colégio, até 1925, quando se aposentou.

Era membro-fundador da Academia Brasileira de Letras e recebeu do Papa São Pio X, em 1913, o título de Conde, por seus méritos como ativo líder católico e Presidente do Círculo Católico da Mocidade.

Até morrer, em 1927, com 80 anos de idade, manteve-se fiel aos mesmos princípios religiosos e políticos, sendo muito temido

pelos adversários do trono e do altar por sua polêmica cerrada e por seu fino humorismo. É precisamente o cunho humorístico dos seus escritos que pretendo focalizar neste artigo.

Laet, sendo adversário implacável dos modernismos literários, opôs-se desde o primeiro momento aos poetas futuristas. Certa ocasião, zombando de Graça Aranha, publicou o seguinte soneto em estilo modernista:

Noite. Calor. Concerto nos telhados.
Cubos esferoidais. Gatas e gatos.
Vênus. Graças. Aranhas. Carrapatos.
Melindrosas. Poetas assanhados.

Rabanetes azuis. Sóis encarnados.
Comida no alguidar. Cuspo nos pratos.
Três rondas a cavalo. Mil boatos.
Prosa sesquipedal. Tropos safados.

Avenida deserta. Bondes. Grama.
Chopes *Fidalga*. Leite. Pão-de-ló.
Carros de irrigação. Salpicos. Lama.

Vacas magras. Esfinge. Triste. Só.
Tumor mole. São Paulo. Telegrama.
Dois secretas. Cubismo. Xilindró.

O saboroso desse soneto está não só em ter imitado o estilo “futurista” de Graça Aranha, mas na alusão a um episódio ridículo que então todo o público conhecia:

Graça Aranha, que estava envolvido numa conspiração contra o governo, passara a um seu correligionário, de São Paulo, um telegrama em termos cifrados, anunciando que rebentaria naquela noite um levante. Assim rezava o telegrama: “*Tumor mole rebentará esta noite*”.

A polícia, que rastreava a correspondência dos adversários do governo, não teve qualquer dificuldade para decifrar a mensagem e “dois secretas” trancafiaram a tempo, num “xilindró”, o malogrado conspirador político.

O impagável Laet comentou:

– Esse Aranha publicou um livro simbolista, “Canaã”, e ninguém compreendeu nada... Agora, envia um telegrama secreto, e todo mundo entendeu tudo... Que estilista fantástico!

Durante uma aula, enquanto lecionava no Colégio Pedro II, Carlos de Laet fez referência à criação do homem. Um aluno atrevido ousou interrompê-lo.

– Professor, o Sr. está muito desatualizado. O meu pai disse lá em casa que todos nós descendemos do macaco.

Laet, com sua voz fanhosa e terrível, deu pronta resposta:

– Eu não me meto em questões de família, menino. Seu pai deve saber melhor do que eu de onde ele veio...

Ao sair de uma conferência realizada no Círculo Católico, verificou que alguém havia furtado seu guarda-chuva.

Imediatamente pegou uma folha de papel e afixou um aviso, com estes dizeres:

– Peço ao ladrão católico apostólico romano que furtou meu guarda-chuva o favor de devolvê-lo.

Conta-se que D. Pedro II certa vez lhe mostrou um soneto que fizera, no qual observara todas as regras da rima, da métrica e do ritmo, mas em que era irremediável a falta de inspiração.

– Que tal os meus versinhos, “seu” Laet?

– Muito bons... Mas Vossa Majestade bem que poderia fazer coisa melhor.

Um escritor jovem, polemizando com Laet, à falta de melhor argumento, chamou-o velho. A resposta foi cortante:

– Na escala zoológica, velhice é um conceito muito relativo. Um homem de sessenta anos, como é o meu caso, ainda está forte e lícido. Mas um burro de vinte e tantos anos, como o Sr., não presta para mais nada.

As sociedades protetoras de animais começavam a fazer suas propagandas. Ainda não havia propugnadores dos chamados “direitos dos animais”, como os há hoje, mas já havia quem sustentasse que deviam ser proibidos os freios, as esporas e os chicotes.

Um desses tentou, certa vez, impressionar Laet com sua pregação:

– É realmente uma desumanidade torturar um pobre animal. Devia haver cadeia para esses desalmados que usam freios, esporas e chicotes.

Carlos de Laet ponderou:

– Mas se eu montar sem esporas, num cavalo sem freios, arrisco-me a levar um belo tombo.

– Não seria nenhuma tragédia...

– A tragédia é que eu sairia machucado... E eu tenho o direito de ser protegido, porque sou um animal racional, como também são animais o Sr. e o cavalo...

Laet havia impiedosamente ridicularizado o médico Dr. Oliveira de Menezes, que também era professor no Colégio Pedro II. Alguns dias depois, durante uma reunião do corpo docente do colégio, Menezes não se conteve e investiu furiosamente contra o colega:

– O senhor é um decrepito, um decadente, um moribundo! Não quer se convencer de que já está com os pés na sepultura!

Enquanto ouvia esses insultos, Laet calmamente chupava seu charuto, sem se abalar. Quando o outro parou, perguntou:

– É como inimigo ou como médico que o Sr. diz está dizendo essas coisas?

– Falei como médico.

– Ainda bem! Posso então ficar tranquilo...

Uma das decepções do grande Laet foi não ter conseguido arrastar Rui Barbosa para uma polêmica. Não foi por falta de tentativas... Laet provocou Rui repetidas vezes, mas este não quis correr os riscos de enfrentar Laet no seu terreno preferido.

Rui era Conselheiro de Estado do Imperador, mas foi um dos membros do primeiro Governo republicano, e essa traição Laet jamais lhe perdoou:

– O Rui – dizia ele – foi um conselheiro que aconselhou mal o seu aconselhado...

Certa vez, Rui, conhecido pela sua prolixidade, fez uma conferência sobre Camões. No dia seguinte, Laet registrou o fato, elogiou a eloquência do orador, seu vocabulário prodigioso, sua cultura invejável, seu brilho inigualável etc. etc. E, no final da crônica, concluiu venenosamente com estas palavras que toda a gente repetiu e glosou:

– Às 4 horas da manhã, para grande alívio de toda a assistência, afinal morreu Camões...

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI**

Cadeira n° 17 - Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Subsolo na garrafa

DE ACORDO COM RODRIGO 1:

Cidades são seres vivos. Cada uma com seu jeito de usar seus seres humanos. A minha se pensa grande e me envia de emissário a outros cantos distantes.

Foi num dia em que eu andava muito sobrando de passos. Vontade de abrir caminho bem longe do meu portão. Andanças premeditadas forçavam amarras tantas de compromissos locais. Daí a cidade me veio e me mandou porta afora. Missão: ser outro bem longe.

Fui com pretexto de estudo, carregando marra e medo, morar junto de outros tontos, estudantes quanto eu. Republicano refúgio de trotes e altos porres.

Quase oitavo coma alcoólico, bate na porta um fantasma. Era uma freira de branco, dizendo que, em breve, um padre viria benzer minha alma que estava desencarnando na cripta do subsolo. Como assim “no subsolo”? Não temos porão nem cripta onde esconder meu cadáver. Gelei de fio a pavio. Senti tontura de medo. Eu morrendo e eu não sabia? Lembrei que estava pelado, porque era nu que eu dormia. Fiquei tonto de vergonha. Tapei os olhos com a mão. Com a esquerda, cobri minhas coisas. Pensei na freira corando.

Descobri devagarinho que a freira tinha ido embora. Pensei: é susto de pinga, de tequila defumada com lances que eu nem te conto. Fechei a porta depressa. De quatro, subi a escada. Meu quarto tremegirava. E se existisse uma cripta? E se eu estivesse morrendo tão longe do meu carinho? E se a casa contivesse um claustro medieval cheio de medo em 3D?

Bateram de novo à porta. Ouvi um som esquisito de saias pretas entrando, de saias pretas dizendo tristes bênçãos numa crip-

ta. Rolei degraus rumo à sala, esgueirei-me ao subsolo inexistente antes disso. Encontrei o padre e as preces sobre o corpo também eu.

Éramos dois eus na cripta: um olhando, outro morrendo.

Sou egoísta, sei disso. Para mim, só eu me importo. Fugi com medo de ver meu fim tão jovem, tão bêbado. Abandonei a república, o estudo, o medo e a marra. Voltei à minha cidade.

Cidades são seres vivos. A minha se pensa grande, recebe jornais de longe.

Num desses jornais eu vi a foto do outro eu. Com surpresa constatei: continua a minha cara. Também se chama Rodrigo, morou onde eu já morei, seguiu quando desisti. Esse eu sobreviveu, graças a bênçãos obscuras, numa noite alucinada. Formou-se em ciências etílicas, trabalha como “urbanista”, projetando *videogames*. E... nem sabe que eu existo.

Agora sou dois, no mínimo. Coisas de minha cidade, que me envia de emissário a outros cantos distantes, mesmo tendo que partir-me quando caminhos exigem-me a arte de bifurcar-me.

DE ACORDO COM RODRIGO 2:

Cidades são muito estranhas pelas coisas mais malucas que passam à nossa porta. Num dia de tempestade, abandonei meu trabalho num jogo medieval e fui até a varanda, olhar o mundo real. Tinha uma linda enxurrada e nenhum vizinho à vista. Docemente flutuando, uma garrafinha PET seguia rumo ao bueiro. Interrrompi seu percurso e notei, estarelecido, que dentro havia um *pen drive*! Um *pen drive* na garrafa!? Sim, e dos mais modernos.

Mesmo trabalhando em *games* desde minha adolescência, eu jamais vira um projeto fabuloso como aquele que me chegou flutuando dentro daquele *pen drive*. Era o roteiro de um jogo com cenários, personagens... E quem seria tão doido a ponto de jogar fora um trabalho assim inédito?

Ouvi gritos lá de fora. Era uma moça de branco, tateando na enxurrada. “Você viu uma garrafa?”, perguntou quando me viu. “Garrafa? Claro que não. Como assim uma garrafa?”, perguntei bem sonsamente. “Meu namorado pirou e botou numa garrafa todo o trabalho dele. Agora ele está deitado lá no sótão da república. Tá passando muito mal. Acho até que vai morrer.”

Deixei a garota revirando o bueiro, vesti minha capa de chuva preta e fui até a república, ver como estava o rapaz. Era um daqueles tontos que sempre pediam estágio na minha firma.

Garanto que me esforcei. Ele até sobreviveu, mas um tanto diferente. Perdeu partes da memória e do juízo, que, aliás, sempre foi pouco. Seu projeto é um sucesso sob minha assinatura.

Cidades são muito estranhas. Ontem mesmo ele voltou, o meu xará Rodriguinho. Disse que se identifica com meu trabalho e comigo. Trouxe várias sugestões para aprimorar meus jogos. Seria até crueldade eu não querer dar ouvidos a quem sonha sua vida como se vivesse a minha.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR
Cadeira n° 18 - Patrona: Madalena Salatti de Almeida

A literatura na internet

Dizem alguns arautos que a literatura, na sua forma tradicional, está morrendo, ou modificando muito a sua estrutura, porque a internet é uma mídia muito mais ampla, que proporciona a milhões de pessoas o contato com qualquer assunto. Mas a divulgação pela internet não é tão simples e imediata assim! A propagação de uma informação depende de muitos que a passem adiante, necessita que ela desperte o interesse de milhões.

Um simples olhar para a nossa realidade vai nos evidenciar que divulgar literatura é difícil em qualquer mídia, porque ela é específica, muito diferente das outras artes.

A dificuldade foi se tornando histórica, tanto que os alunos sempre viram nas abomináveis apostilas a tábua de salvação para entender o livro original! Hoje, a dificuldade já toma proporções de cataclismo! Universitários são incapazes de formar uma frase com sentido completo, quicá compor uma redação de vinte ou trinta linhas! Muitos alunos de grau médio não entendem o que estão lendo e nem a metade das palavras que ouvem!

De repente, o artista, o literato, o intelectual, seres tão especiais, que povoam nossas lembranças, passaram a ser pessoas limitadas, amarradas, engajadas e divididas. Tornaram-se presas de uma ideologia que as condena à parcialidade e a nunca conseguirem enxergar o todo com liberdade, pois o meio sempre as obrigará a pensar de uma forma envolta com seus umbigos e com os modismos faiscantes da massificação! A luta insana e inócua pela sobrevivência, essa imensa corrida diária de encontro ao nada, o fato de tornarem-se iguais aos todos que se misturam numa multidão, sem vontade própria e sem opinião, mata qualquer laivo de criatividade, emburrece qualquer ser vivo!

Cada vez que navego na internet encontro milhares de pá-

ginas voltadas para a literatura. Centenas se vestem de tradicionalismo e trazem textos dos autores mais importantes da atualidade, outra centena procura divulgar biografias, informações sobre as escolas e tendências da literatura. Inúmeras trazem debates com autores reconhecidos, e têm até as páginas interativas, que permitem escrever a quatro mãos com o autor. Mas, a maioria, quero dizer, milhares delas, são reservadas mesmo ao chamado autor novo, o desconhecido, aquele que não tem onde divulgar seus trabalhos gratuitamente, para dezenas de milhões de leitores ávidos por novidades. Ledo engano! Pura ilusão! Uma opinião aqui, outra ali, com quase um ano de intervalo, uma meia dúzia de mensagens curiosas. E só. Qual seria a causa dessa falta de leitores internautas? Em minha opinião, a causa é simples: tente acessar uma página específica na rede, sem saber o endereço e sem ter informações precisas sobre ela! Você perderá horas numa busca interminável, num abre e fecha sem termo, como a garimpar uma agulha num palheiro!

Onde essas páginas estão sendo divulgadas? Na lista do provedor, me responde alguém. Mas isso leva a alguma coisa? A verdade é que todo mundo está preocupado mesmo é com qualquer coisa, menos literatura voltada aos novos e desconhecidos autores! E a literatura da maioria desses novatos desemboca em textos medíocres, sofríveis, que versam sobre assuntos momentâneos e que trazem, no fundo, uma validade literária muito vaga, eivada de erros gramaticais, advindas da nova linguagem usada na rede que talvez se chame internetês, e de baixíssima qualidade!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira n° 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Confluências de abril

Folhas acobreadas desenham um redemoinho de ressequidos pensamentos. O bailar do outono contempla senilidade e noites densas de angústias mal dormidas. No coração, coronárias comprometidas juntam-se ao melancólico amargor da avançada idade. A janela é de vidro opaco que não incomoda pela visão parcial do mundo, faltam focos óptico e neurológico que tragam respostas aos anseios dos oitenta anos.

A saúde é acompanhada pelo despertar diário e a insípida degustação de aveia, farelo de linhaça, pão integral e tantos outros itens de obrigatoriedade médica, no caso, cinco enorme comprimidos alo-páticos. Há muito deixou de acreditar em homeopatia ou antroposofia. Os limites do salário de aposentado contemplam uma casa modesta, faxineira eventual, carro popular, roupas de liquidação.

Os amigos, ignorados. Muitos já se foram. Aos que restaram: Alzheimer, Parkinson, depressões e restritas possibilidades de interações que tragam algum alento, ou vontade de revê-los. Suspiro. Desalento.

A família presente em datas festivas, rápida e superficialmente carregados com caixas de cestas das rotisseries abastadas. Bobagem. Triglicérides e diabetes impedem qualquer apreciação compulsiva. Papilas gustativas insossas.

Reminiscências, reminiscências, reminiscências... da paixão de seus braços abandonados naquela linda tarde de abril. Sabor de desvanecimento pela felicidade de outrora, aos poucos a sinestesia daquele momento foi se esvaindo pelo desgaste das juntas e das ilusões. Ossuário ambulante – antítese da propagada “qualidade de vida – expectativa”.

Folhas lá fora sujam novamente a calçada.

Materialidade de você

Juntem-se os acordes da música preferida ao odor contido no travesseiro.

Cantinelas saudosista

*“Sou pequenina da perninha grossa,
vestidinho curto papai não gosta”*

(Cancioneiro Popular – folclore brasileiro)

Mãos de cor púrpura-amora
Lábios doces de jabuticaba madura
Ecos de cantigas ressoando na alma
Lá vai a menina de vestido e fita
Caminhando por apinhadas avenidas
Rodeadas de sonoras buzinas
E totalmente isentas de vida...

Como é barulhento o vazio da saudade
Que provoca vincos na alma urbana
E detona a intenção de sonhar

Na rotina do vestir-se diário
Em lusco-fusco do relógio matinal
A insipidez do labor pelo dinheiro
De um idealismo abandonado
Com a realidade cruel incorporada
em caros cremes e inúteis acessórios

Vão-se os dedos
E ficam anéis opacos
Que serão modificados
Pelas gerações vindouras
Ou mesmo ignorados
Pela defasagem dos tempos

E os pensamentos escritos da menina
Sofismas de um século passado
Não caberão em mensagens holográficas
compactas e objetivas
Sem a subjetividade diversa do sonho

O Universo será delimitado
Por chips que possam ser trocados
E respondam prontamente ao estímulo
Sem a visão múltipla de viagem
Que ainda norteia os poemas

E palavras empoeiradas
Não trarão mais nenhuma cognição
Como um Alzheimer de uma geração
Digladiando-se por ideologias
que deveriam conduzir a Deus
mas que distanciam os valores humanos
reduzindo tudo ao Ódio e ao Pó...

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA
DE NEGRI**

Cadeira n° 20 - Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

Febre

O jovem, de nome Porfírio, ardia em febre, deitado no colchão de capim, já muito velho e poeirento.

Seu corpo tremia sob o cobertor puído. Encolhido, tendo a mãe à cabeceira, delirava num sonho vermelho.

Sentia-se no deserto, com o sol em noventa graus, tão inclemente que nem sombra deixava. Sua cabeça ardia como sua orelha, quando o pai a torcia pelas traquinagens na infância.

Ao longe, via uma lagoa em meio ao oásis de tamareiras. Corria em sua direção, mas seus pés não saíam do lugar. Quando, após muito esforço, lá chegava, ao mergulhar batia a cara na areia fervente, com o lago mudando de lugar. O rosto colado ao chão fumegante fazia ver novamente, logo adiante, a água que mudava constantemente de lugar, como a fugir...

Dos olhos brotavam lágrimas ferventes que queimavam os cantos das pálpebras.

Sentia-se à beira da morte e no portal do inferno. Um tic-tac incessante parecia dizer-lhe que seu tempo se esgota.

Pede perdão por tudo e roga em desespero a ajuda da Mãe do Filho do Homem.

Sente então o céu se abrir e um manto azul luminoso o envolver aliviando o calor.

Abre os olhos, e encarando-os, encontra os de sua mãe a colocar um pano molhado em sua testa.

O armário

Por fora, impecável madeira de lei, todo entalhado sem nenhum risco, brilhando por causa do óleo de peroba que a empregada passava com flanela macia toda semana.

Até exalava um leve perfume amadeirado, pois a dona da casa sempre misturava ao óleo o perfume Madeiras do Oriente, hoje em dia difícil de encontrar, somente em alguns bazares antigos, esquecido em um canto. Dizia sua dona que, sendo um móvel da sua avó, gostava de adicionar o perfume da falecida.

Não tinha nenhum cupim e suas gavetas deslizavam suavemente apesar de seus quase cem anos. Ao abri-lo, sequer suas portas rangiam, mesmo no silêncio da noite.

Nem quando a goteira atingiu-o, ou quando se encontraram baratas em sua porção mais íntima, nada o afetou.

Nasceram em seu útero amadeirado ratinhos cor-de-rosa em meio a papel picado e até uma gata deu à luz cinco gatinhos.

Ao abrir sua porta, no entanto, várias coisas caíam de seu interior sobre quem o abrisse...

Apesar de seu corpo lindo, sua alma era vazia, ou melhor, cheia de inutilidades, como roupas velhas, papéis antigos, latas vazias, revistas de antanho, discos bolachões daqueles que ainda quebravam, tudo coberto por espessa camada de poeira.

E no fundo da gaveta, dentro de uma caneca verde de ágata lascada, estava guardada a dentadura da avó, que parecia rir do apego às inutilidades que a dona do armário guardava.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS FERRARI
Cadeira nº 12 - Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

A sabedoria

A sabedoria não escolhe cor da pele, nem pobreza, nem riqueza, nem a região onde alguém nasceu para iluminar seu cérebro e torná-lo sábio. Ela não é idiota como são todos os preconceitos. De mansinho como lhe convém, desponta quase de súbito e se mostra nas palavras daqueles cuja simplicidade aflora na maneira de falar. Porque ser sábio é perceber quão frágil e insignificante é o viver humano, quão pobre de espírito é o que, imaginando saber algo e por isso se tornando petulante, não passa de um reles ignorante.

Conhecer para aprender, pesquisar para compreender, ler para saber são pilares da inteligência. Um sábio não se forma nunca, está sempre e diariamente alcançando novos saberes, é um eterno aprendiz e consciencioso estudante, com curiosidade a respeito dos conhecimentos. Da mesma forma que um diamante, cuja composição é por demais comum, vai sendo aprimorado ao longo dos anos até que, mesmo que ele mesmo jamais reconheça isso, se torne a pedra mais preciosa de todos os minerais. O sábio é assim mesmo, tem atitudes eivadas de humildade, repudia o egocentrismo, esconde-se dos holofotes e cultiva por onde passa as pérolas de sua sapiência.

É quase impossível reconhecer um sábio, a menos que ouça falando ou agindo no seu cotidiano. Em meio ao povo ele se mistura e aprende, observa o vai e vem, o ruge-ruge, o suspirar e o sorriso dos circunstantes, entra nas livrarias e sorri apaixonado pelo ambiente onde a cultura impera, compra livros e se deleita em descobrir e imaginar, sonhar, viajar através do universo silencioso e quieto do aprendizado ali tão propício, tão limpo, tão conveniente. E quanto mais o sábio conhece, aprende e lê, ainda mais percebe que realmente não sabe nada, não sabe tanto, precisa de muito mais sabedoria, pois tudo é deveras dinâmico e as informações se mostram como correntezas de rios transbordantes, seguindo apressadas rumo

aos oceanos. Cabe a ele aproveitar a passagem dessas correntezas e dar o máximo de si para lograr absorver o que lhe for possível desse manancial.

Quer tornar-se um sábio? Então provavelmente você não é um deles, porque o sábio já vem à luz do mundo predisposto a essa condição, assim como o ouro encontrado nas montanhas e nos rios brota tal qual acontece com as flores repentinamente surgidas no asfalto quente, nasce de orquídea onde somente tulipas são semeadas, surpreende, provoca surpresa, deixa atônitos. O sábio não procura nem almeja ser um, já que isso realmente não tem querer, ele simplesmente já é e está em franco desenvolvimento com o passar dos anos, mas em hipótese alguma se reconhecerá como sábio, nunca se declara como detentor desse título arrogante na voz quem se auto-proclama, porém aveludado e sutil no comportamento dos que se revelam por meio de seus gestos.

O sábio assobia e chupa cana ao mesmo tempo, ele sim guarda o segredo há milhões de anos perseguido de dar nó em pingo de água, ordena as pedras de onde flui leite, cutuca a onça sem vara, coloca o guizo no gato, arruma as estrelas no céu deixando-as simétricas, desenha a trilha do infinito, mensura o incomensurável, acende o sol ao amanhecer, apagando-o no crepúsculo para, em seguida, clicar no botão da lua para iluminar o fragmento com a beleza dum lindo luar. Tudo isso com uma mão só, a outra amarrada às costas, um olho fechado e o outro semicerrado.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

Cadeira n° 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Desvendando o silêncio

Aprendemos com o silêncio que tudo tem um ciclo como as marés, que insistem em ir e voltar, os pássaros que migram e retornam sempre de onde saíram, como a Terra que gira fazendo a volta completa de si mesma, completando ininterruptamente seu ciclo e tudo em silêncio, sem alarde. O silêncio fala mais alto que a própria voz. Quando estamos sozinhos, se nossos pensamentos fizessem ruído, ecoariam ao lado do travesseiro, somente com um olhar que fixássemos no mar, com suas ondas quebrando na areia da praia rosada, ou no cair da tarde formatando a beleza do crepúsculo.

Quando cedemos a uma provocação verbal, destilamos uma agressividade que somente pode nos agredir e não ao outro, nos trazendo depois o sentimento de culpa, de acordo com a dimensão dos gestos do tom de voz, do olhar colérico e outros sinais, que poderiam muito bem ser evitados. Nenhuma explosão é gratificante, só mesmo a sexual, porque traz a calma, a saciedade na comunhão de dois seres que têm a força de gerar uma nova vida.

Quando caminhamos pelas matas ou bosques, queremos apenas ouvir o som de galhos se quebrando, o pio de uma coruja, o canto da cigarra, o farfalhar das folhas secas ou o baque surdo dos frutos maduros caindo, como se avisando que chegou a hora da colheita. Nesse momento, podemos com grande acuidade ouvir o ronco longínquo do motor de um barco singrando, garbosamente, repartindo as águas para lhe dar passagem, ou o som de remos fatiando um rio sereno ou de corredeiras. Para o matuto de ouvidos atentos, o silêncio propicia um banco de dados de todos os tipos de sons.

Deve ser por isso que o matuto fala pouco! Fazemos-lhe várias perguntas e só ouvimos: “É... pois é... então... hum...” Ele não

está acostumado aos diálogos, está sempre atento àquilo que quebra o silêncio da mata: a hora exata em que um pássaro está cantando e o porquê de estar cantando, ou o barulho e o cheiro da cascata que ecoa no silêncio, pois estes sinais servem para mostrar o rumo, para uma pessoa se orientar, pois são como um semáforo para orientarem o trânsito da mata.

O silêncio para o matuto é uma bênção. No nosso cotidiano, dentro de nossas casas ouvimos o tic-tac do relógio como se fosse uma pulsação dentro do silêncio, se estamos na praia aguçamos nossos ouvidos: “o mar quando quebra na areia é bonito é bonito”!... E vem-nos a lembrança da voz grossa, maviosa e dolente do Dorival Caymmi. Ouvimos o arrastar de patinhas de caranguejos chapinhando na areia molhada e gaivotas em voo rasante à procura de peixes e a brisa que sussurra nos nossos ouvidos, aproveitando nosso momento de silêncio e introspecção.

Se conseguirmos ouvir tudo isso e muito mais, no silêncio do surgimento da aurora, no estalar dos raios do sol que chiumba na água fria, ou o derramar da claridade da lua que nos embala a dormir e sonhar, seremos uns seres que pulsam e sentem o latejar da vida, porque não a atravessaremos apenas, mas usaremos o silêncio como um coadjuvante necessário para entendê-la e usufruí-la com alma de artista. Todos nós temos essa capacidade, que é a de evadir-se do real, à procura de instantes de felicidade; e Deus nos entregou a Terra para sabermos usar nossa palheta, extraindo as cores que nos agradam, para vivermos nela. Deus nos deu o silêncio para aflorar os sentimentos que permeiam nossas mentes conturbadas com tantos ruídos externos desagradáveis.

Por que não tirarmos proveito de tanta informação silenciosa que nossa Mãe-Terra nos oferece? É no silêncio que se ouve uma bela música clássica, porque ela foi introjetada por uma mente brilhante, que nos fala através do seu cérebro genial e romântico. Pode ser qualquer gênero de música que nos agrade e nos enleve, numa sintonia de troca de sentimentos com o compositor, na busca de captar a sua intenção de transmitir seus sentimentos.

Psiu... silêncio! Sinta, vibre, sorria e viva! Temos uma mente repleta de ilusões e sensações diáfanas...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM

Cadeira nº 5 - Patrono: Leandro Guerrini

Uma trajetória dos árabes

Piracicaba é uma cidade privilegiada pelo seu patrimônio histórico e cultural. Entre os mais destacados, está a Sociedade Beneficente Sirio Libanesa, fundada no ano de 1902 e considerada a mais antiga do gênero no Brasil. Hoje administrada pelo insigne e culto libanês, Dr. Elia Nader e sua Diretoria.

Com sua instalação, hoje na Rua Governador Pedro de Toledo, nº 1045, atraiu imigrantes árabes, principalmente sírios e libaneses, que além de terem trazido uma rica cultura, cooperaram no desenvolvimento da “Noiva da Colina”, principalmente na área comercial, e com outros usos e costumes, alguns dos quais citaremos a seguir.

Dança do ventre – patrimônio cultural do mundo árabe

O surgimento da dança do ventre é datado de período tão remoto que antecede a época dos faraós no antigo Egito.

A dança do ventre é ligada aos rituais de fertilidade feminina e ao culto à deusa-mãe. Foi com essa simbologia que atravessou o tempo e chegou ao Egito, onde foi imortalizada inicialmente pelas sacerdotisas, que em cerimônias secretas homenageavam a deusa Ísis, e Hórus, Osíris, Rá e Amon, entre outros.

A dança do ventre é conhecida também como dança do sol ou do deus Rá. Dançava-se durante a primeira noite de lua-cheia em

florestas e locais considerados sagrados, em meio a fortes odores de incenso em rituais que preservam e aumentam a fertilidade e saúde feminina.

Considerada sagrada, passou a ser executada nos palácios e logo depois popularizou-se. Com as invasões frequentes do Egito por outros povos, a dança do ventre difundiu-se entre romanos, gregos, babilônicos, hititas, turcos etc., o que enriqueceu ainda mais essa arte.

Os escritores Horácio e Juvenal desde os anos 100 d.C. já faziam referências em seus escritos às bailarinas de dança do ventre.

A dança do ventre ganhou atenção mundial depois da invasão de Napoleão Bonaparte ao Egito.

Os públicos europeu e americano tiveram contado com bailarinas, quando empresários as traziam do Oriente Médio para as grandes exposições mundiais.

Em decorrência disso, a dança árabe se popularizou e foi inserida nas produções cinematográficas de Hollywood.

Atualmente, a dança do ventre está presente na televisão e nas festas de todos os gêneros. É uma arte dos significativos valores do patrimônio cultural do mundo árabe, acompanhada pela música contagiante que penetra a alma. Eis a razão de sua fascinante presença até os nossos dias.

Vamos percorrer o mundo árabe através dessa dança e reviver as Mil e Uma Noites, fugindo dos problemas, e sentir a arte que eleva as nações.

Vocabulário árabe

eu tenho – **ana endi**

eu vou – **ana raieh**

faça – **sikkiyn**

fácil – **sahel**

fogo – **narr**

frio – **bard**

fundo (embaixo) – **tahat**

galinha – **dajaaj**

garfo – **showka**

gerente – **murdier**

grande – **kabier**

homem – **reejal**

hotel – **fon doq**

lápiz, caneta – **kalam**

legumes – **khudra**

leite – **haliyb**

lentamente – **shwai shwai**

limpe – **nadef**

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE

Cadeira nº 23- Patrono: Leo Vaz

Na lembrança do professor Costinha

Reuniões solenes, difícil e geralmente saem de certa obviedade sob o aspecto cerimonial, cujos ritos, sem demérito e na maioria, são baseados em forma e conteúdos estabelecidos. E não apenas de solenidades como as que acontecem normalmente na Câmara Municipal de Piracicaba, mas em qualquer outro lugar. Para sair desta condição quase imposta, as reuniões solenes ficam dependentes dos discursos, pelos quais os oradores podem trazer, em algumas vezes, reflexões que, somadas à importância do título, dão valor também ao próprio evento.

Não seria diferente a entrega do título de *Piracicabanus Praeclarus* ao jornalista César Costa, numa quarta-feira à noite, 19 de setembro, no salão nobre “Helly de Campos Melges” da Câmara Municipal de Piracicaba, a partir de iniciativa do vereador Capitão Gomes (PP). Mas foi. O homenageado, bem preparado, soube dar um tom diferenciado, num eco profundo e abrilhantando a homenagem que lhe foi prestada pelo Poder Legislativo.

Em seu discurso de agradecimento, César Costa trouxe à tona a memória de seu pai, o educador Benedicto Evangelista Costa, o “professor Costinha”, atuante no então Instituto de Educação Sud Mennucci, que dirigiu por vários anos. “*Como filho de educador, não posso me furtar neste momento a destacar a lástima pela qual passa a educação pública brasileira*”, disse o diretor do Programa Piracicaba em Destaque e, até aí, parecia algo também comum. Mas o melhor viria adiante, na fala simples, mas profunda do jornalista.

“Estamos vivendo dias tristes de nossa história, dias de crimes, dias de gestão fraudulenta, dias de verdadeiras quadrilhas travestidas de políticos que estão administrando o dinheiro público”, disse, “e tudo prejudica a educação, criando esta geração de jovens ‘nem nem’, nem trabalham,

nem estudam”, ressaltou, ao apontar o índice de que 20% de pessoas entre 18 a 24 anos vivem sem trabalhar e sem estudar no Brasil, dado perigoso do ponto de vista social, um verdadeiro barril de pólvora ou, quem sabe, um futuro sombrio de mar de lama.

À frente do Programa Piracicaba em Destaque há 20 anos, César Costa detalhou que mantém em seus arquivos, tudo digitalizado, cerca de 15 mil entrevistas. E espera que todo esse arsenal de informações esteja disponível a historiadores da próxima geração para que estes possam pesquisar os nossos dias. *“Daqui a 100 ou 200 anos, espero alguém ter acesso a esse material para saber um pouco mais de nossa sociedade, quem foram as autoridades e quem foram os políticos de nossa época”*, acrescentou o novo *Piracicabanus Praeclarus*.

O discurso de pouco mais de 20 minutos foi assistido por diversas personalidades da cidade, incluindo o presidente da Câmara, João Manoel dos Santos (PTB), e empresários como Ângelo Frias Neto, presidente da Acipi, Tarcisio Angelo Mascarin (PTB), presidente do Simespi, assim como o diretor do Fórum, Wander Pereira Rossette Júnior, e o vice-reitor da Unimep, Gustavo Jacques Dias Alvim, entre outras cerca de 150 pessoas com liderança no município.

Ao trazer a educação – grife-se bem, “pública”, com um viva a Anízio Teixeira – como tema central de sua explanação e relacionar diversos outros problemas brasileiros, tendo a defasagem desse sistema como origem, César refletiu o desejo de brasileiros que vivem em Piracicaba. Motivado por uma lembrança familiar, o jornalista transformou a reunião solene em sua homenagem num momento de reflexão e alerta, até porque a própria Casa em que discursou – cujo edifício leva o nome de Prudente de Moraes, primeiro presidente civil da República – é ponto fundamental da circulação de idéias, opiniões sem preconceitos, berço da livre manifestação do pensamento que só uma educação, à moda do “professor Costinha”, pode construir.

Uma das citações vibrantes do jornalista César Costa, no início do discurso de agradecimento pela entrega do título de *Piracicabanus Praeclarus*, foi a do sempre atual Ruy Barbosa, em 1914:

“De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra; de tanto ver crescer a injustiça; de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto”.

Mas já em 1910, durante a campanha para a Presidência da República em que foi derrotado, Ruy Barbosa definiu em sua plataforma de governo: *“O ensino, como a justiça, como a administração, prospera e vive muito mais realmente da verdade e moralidade, com que se pratica, do que das grandes inovações e belas reformas que se lhe consagram”*. E essa prática foi a do engenheiro agrônomo Benedito Evangelista da Costa, o “professor Costinha”, pai do homenageado César Costa.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira nº 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto

Suave brisa

Suave brisa,
Doce amanhecer.
Voz deslisa,
No entardecer .

Rompendo aurora,
Belo encanto.
A magia aflora,
Lindo momento.

Feliz realidade,
Poeta sonhador.
Hoje saudade,
Clamando amor.

Santa Maria do Sul

Santa Maria,
Dor e sofrimento.
Na noite de alegria,
Surge o tormento.

Jovens na balada,
Unindo suas vidas.
Junto à madrugada,
Tristes despedidas.

Prece e louvor,
A todos os falecidos.
Deus olhe com amor,
Seus entes queridos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO

Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Camponês do Brasil

O túmulo de Nho Lica



Eu não conhecia o túmulo de Nho Lica. Vi-o, pela primeira vez, por ocasião da tomada da foto aqui estampada. É ao rés do chão, num espaço exíguo, cercado por outros maiores. Mas isso não lhe diminui a dignidade, exalta-a.

É simples, como foi Nho Lica, coberto por uma pedra de granito. Na cabeceira, perpendicularmente a esta, numa outra lê-se a inscrição:

*“Milionário de ilusões,
Foi bom e amou sua terra”.*

Essa frase resume quem foi o grande capitão.

E assim o homem, que pela vida sonhou com brilhantes, após a morte repousa sob a maior de todas as suas pedras. E para sempre. E em paz.

Foi construído por uma ação entre amigos. O grande milionário não teria dinheiro para adquirir uma só das pedras.

O Piracicaba dos paiaguás

Quanto crime ante Deus, de pensar me comovo:
Agoniza este rio que alimentou meu povo.
Quem pode imaginá-lo, um dia, colossal,
Bufando na floresta de um sol tropical?

Quem pode imaginar que, um dia, em suas margens,
Dos mansos animais até as onças selvagens
Foram beber sua água, enquanto a passarada
Ensaia uma orquestra ou partia em revoadas?

No salto ele rolava altivo, encapelado,
sobre o basalto negro, alteando um forte brado
Que acordava o sertão de séculos atrás.

Abaixo, no remanso ou, então, nas corredeiras,
Passavam as canoas em bandos, ligeiras,
Levando para a guerra os índios paiaguás.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Aprimorando o português

a) Parônimos

São palavras parecidas na escrita e/ou na pronúncia, mas com significados diferentes. Exemplos: eminente (elevado) e iminente (pendente); era (período de tempo) e hera (planta trepadeira); concerto (sessão musical) e conserto (reparo); acender (atear) e ascender (subir) – Cuidado com a grafia!

b) Pleonasmos

Consistem na repetição de palavras com o mesmo sentido. Exemplos: meio ambiente; subir para cima; ver com os olhos; sair para fora – não recomendáveis, porém toleráveis.

c) Cacófatos

Referem-se ao efeito desagradável ou palavra obscena resultante da junção das sílabas finais de uma palavra com as sílabas iniciais da palavra seguinte. Exemplos: Uma mão lava a outra (mamão); faca, garfo e colher (cagar); descascar alho (caralho); ela tinha dois gatos (latinha) – Obviamente, devem ser evitados.

Em tempo: a letra do Hino Nacional brasileiro contém um cacófato: “De um povo heróico o brado” (herói cobrado).

Conhecendo o tempo médio de vida dos animais

Arara: 63 anos	Girafa: 15 anos
Avestruz: 50 anos	Golfinho: 65 anos
Baleia-azul: 25 anos	Gorila: 20 anos
Burro: 12 anos	Hiena: 25 anos
Cachorro: 12 anos	Hipopótamo: 40 anos
Camelo: 50 anos	Jegue: 18 anos
Canguru: 7 anos	Leão: 20 anos
Carneiro: 12 anos	Mosca-de-fruta: 14 dias
Cavalo: 30 anos	Papagaio: 80 anos
Chimpanzé: 20 anos	Pica-pau: 15 anos
Coelho: 12 anos	Pinguim: 30 anos
Coruja: 20 anos	Porco: 10 anos
Crocodilo: 50 anos	Rato: 2 anos
Dromedário: 35 anos	Rinoceronte: 70 anos
Elefante africano: 60 anos	Tamanduá: 20 anos
Elefante asiático: 78 anos	Tartaruga: 100 anos
Esquilo: 11 anos	Tigre: 25 anos
Galinha: 7 anos	Urso: 20 anos
Gambá: 4 anos	Vaca: 15 anos
Gato: 15 anos	Zebra: 20 anos

Conhecendo palavras diferentes usadas para o mesmo significado

NA ESPANHA E NA AMÉRICA ESPANHOLA

Português	Espanhol	América Espanhola (Argentina / Uruguai)
1. Aborrecido	Enfadado	Enojado
2. Arquivo	Fichero	Archivo

3. Batata	Patata	Papa
4. Bilhete	Billete	Boleto
5. Cabelo	Pelo	Cabello
6. Calça comprida	Calzón	Pantalón
7. Carro	Coche	Carro
8. Chicote	Látigo	Chicote
9. Começar	Empezar	Comenzar
11. Quadra desportiva	Pista	Cancha
12. Cor-de-rosa	Rosa	Rosado
13. Hoje	Hoy	Ahora
14. Luminária	Lumbre	Candela
15. Ônibus	Autobus	Omnibus
16. Paletó	Chaqueta	Saco
17. Posto de gasolina	Gasolinera	Bomba
18. Terno	Traje	Terno
19. Vocês	Vosotros	Ustedes

Palavras com significados diferentes

1. **Acre:** a) medida de superfície usada na Inglaterra e Estados Unidos, equivalente a 0,4 hectares; b) Estado brasileiro
2. **Cerrado:** a) fechado; b) tipo de vegetação natural
3. **Labirinto:** a) construção complicada na qual é difícil achar a saída b) Anatomia – ouvido interno
4. **Meio:** a) metade; b) Ecologia – ambiente
5. **Mina:** a) jazida de minério; b) nascente de água; c) artefato de guerra
6. **Nora:** a) esposa do filho; b) aparelho para retirar água de poço
7. **Ordenado:** a) posto em ordem; b) salário mensal

8. **Praga:** a) maldição; b) designação genérica dos insetos que atacam plantas e animais
9. **Raiva:** a) ira; b) Medicina – doença infecciosa que ataca os nervos do homem e de vários animais
10. **Torta:** a) retorcida; b) espécie de pastelão assado no forno; c) resíduo da extração de óleos vegetais

Veja a diferença que faz um acento

1. **Cocar:** penacho de capacete – Coçar: esfregar com as unhas
2. **Fá:** nota musical – Fã: admirador.
3. **Filo:** divisão taxonômica, situada abaixo de reino e subdividida em classes – Filó: tecido fino, de algodão ou seda, formando uma rede
4. **Forma:** configuração – Forma (ô): molde
5. **Gala:** pompa – Galã: ator principal
6. **Ira:** raiva – Irã: país da Ásia (antiga Pérsia)
7. **Rola:** do verbo rolar – Rola: pequena ave semelhante ao pombo
8. **Roma:** capital da Itália – Romã: fruto da romanzeira
9. **Sede:** centro de atividades – Sede: necessidade de beber água
10. **Troco:** dinheiro miúdo que o vendedor devolve ao comprador – Troço: coisa de pouco valor

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Tio Totó, o “sabe tudo”

Irmão de minha avó materna, seu nome era Antonio Wolf, porém todos o chamavam de Totó. Minha lembrança mais remota desse meu querido tio-avô, guardo-a de minha infância, quando eu teria uns oito anos. A gente morava em Vera Cruz, cidade da Alta Paulista, onde nasci, distante de todos os parentes. Muito raramente algum destes aparecia por lá. Naquele tempo as viagens eram difíceis, geralmente feitas de trem, e demoravam uma eternidade. Na realidade, quando aconteciam, era uma verdadeira festa.

Conheci o tio Totó quando, uma vez, ele apareceu por lá. Alto, magro, calvo, falante e muito divertido, tinha uma voz de falsete inconfundível e um riso simpático. Alegre, dava atenção especial para as crianças, como nós, sobrinhos netos: eu e meu irmão (um ano mais novo do que eu), bem como para os nossos amigos de mesma idade.

Não tenho muito certeza, mas, naquela ocasião, ele trabalhava como representante de laboratório farmacêutico ou de algum outro ramo qualquer. Ele tinha ido a Vera Cruz a trabalho e ali ficou alguns dias. Chamou-me a atenção o seu carro, ou quiçá veículo da empresa para a qual trabalhava, um Chevrolet 1938, que já era mais moderno do que o do meu pai, um Ford 1934. Uma diferença que guardei: a partida do motor do automóvel era no pé e não num botão no painel. Ele gostava de contar histórias e de ensinar algumas brincadeiras.

Somente me aproximei dele mais tarde, conhecendo-o melhor, quando me mudei para Piracicaba, já na pré-adolescência. Ele morava em Rio Claro, onde passara a dar aulas de trabalhos manuais (disciplina do currículo ginásial), mas, vez por outra, vinha visitar seus irmãos: Alfredo (este trabalhava como marceneiro no Colégio Piracicabano) e Aquilhe (que tinha também uma oficina, onde fazia

gaiolas e outras coisas mais), suas irmãs Candóca (doceira de mão cheia, cujo nome verdadeiro era Cândida) e Elvira (que foi casada com o renomado pintor Joaquim de Mattos). Aí havia uma questão que somente desvendi muito tempo depois (pois, então, criança não tinha muita informação): meu bisavô, chamado Gustavo Wolf, pai do tio Totó, casou-se duas vezes; assim, este tio teve irmãs e irmãos apenas por parte de pai. Aliás, aproveito para contar que meu nome foi inspirado nos nomes de meus bisavós maternos: Gustavo e Jacques. Descobri, recentemente, lendo um livro que conta a história da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (ACIPI), que o meu xará foi proprietário de uma doceria na Rua do Rosário, o que explica a habilidade que minha avó tinha com a mesma atividade.

Mas, voltemos ao tio Totó. A melhor notícia que tive foi a da sua mudança para Piracicaba. Aposentara-se e veio viver na “Noiva da Colina” com sua esposa, tia Dorothy, e o Paulo, filho caçula, cuja idade era próxima da minha. Ele teve outro filho, o Celso, já falecido, que estudou teologia num Seminário Presbiteriano e se dedicou, durante muitos anos, como pioneiro, à trabalhos na área de áudio visual. Foi fundador do CAVE – Centro de Áudio Visual Evangélico. O Paulo fez engenharia mecânica em São Carlos e nessa cidade vive até hoje. Por incrível que pareça, morando tão perto, faz muitos anos que não o vejo. Minha tia Dorothy, muito boa, era, no entanto, muito diferente do seu marido: menos sociável, mais exigente e sistemática.

Então, estando mais próximos, gostava de ir à sua casa, pois ele tinha na garagem, que não era usada por ele não ter carro (na época pouca gente podia ter um automóvel), uma oficina que era o mundo dos sonhos da molecada. Diferentes tipos de ferramentas, materiais diversos e toda aquela tranqueira que locais desse tipo costumam guardar. Mas o melhor de tudo é que podíamos usá-los com a permissão, mas sob os olhares, do tio Totó, que nos ensinava como mexer com a traquitana. Ele era um professor nato. Gostava de passar adiante os seus conhecimentos. Ali a gente usava o martelo, o alicate, as serras e serrinhas, os tornos, as chaves de fenda e as chaves de argola, a madeira, o cobre, o papelão e a cola, os pregos e parafusos etc. Aprendi com ele a fazer encadernação (até hoje guardo um grande dicionário português-francês e vice-versa, obra que encadernei), brinquedos, cofrinhos, bem como noções de física, química,

eletricidade e tanta coisa mais, que me têm sido muito útil até hoje. Introduziu-me no mundo do mercado, ao fazer-nos brincar de loja, comprando e vendendo produtos, calculando preços, lidando com dinheiro de papel pintado, pesando produtos, fazendo contas de multiplicar, somar etc.

O tio Totó era inventor e pintor (tenho, até hoje, na sala de meu apartamento e no meu escritório, quadros de sua autoria). Entre amigos e na família era conhecido como o “o sabe tudo”, um verdadeiro Dr. Pardal. Se alguma coisa quebrava no âmbito da família e não houvesse que soubesse consertar, a gente dizia: leva para tio Totó que ele dá um jeito.

Há algo que faço questão de registrar: com ele (eu devia ter uns 13 ou 14 anos) aprendi a jogar xadrez (outra coisa que me ajudou muito e que repassei ao meu neto e neta, quando tinham quatro anos; ambos, hoje, na adolescência, ainda praticam esse esporte mental). Meu “sparring” era o primo Paulo. A gente procurava na revista “O Cruzeiro”, famosa naquele tempo, jogadas de mestres do xadrez e problemas para resolver). Fiquei tão fanático que meu pai passou a limitar o tempo para eu jogar xadrez, pois me dizia que, durante o sono, repetia em voz alta jogadas do xadrez.

Quero contar somente mais dois fatos. A primeira é que devo, indiretamente, a ele, o fato de pertencer à Igreja Metodista. Ele se converteu numa ocasião em que houve uma polêmica pública, em Piracicaba, entre um padre e pastor, sobre questões de fé religiosa, num tempo de muita hostilidade recíproca, entre as igrejas protestantes e católicas. Ao depois, por sua influência e testemunho, minha avó também se converteu ao metodismo, levando para essa Igreja seus descendentes. O tio Totó também foi professor da Escola Dominical (onde são feitos estudos bíblicos) e por meio de suas aulas e palestras aprendi bastante.

O segundo fato ocorreu, muito mais tarde, quando eu tinha mais de 40 anos. Nesse tempo, minha mãe resolveu aprender pintura com o tio Totó, algo que ele se prontificara a ensinar. Compraram tudo o que era necessário: cavalete, telas, pincéis, tintas e as aulas foram sendo dadas. Como eu morava no mesmo prédio em que residiam meus pais, de vez em quando, passava no apartamento deles para ver o progresso da nova pintora. E olha que ela até estava fazendo grande progresso. E eu, na galhofa, dizia: “isso eu também

sei fazer!”. Pois bem, sem que eles soubessem, também comprei o material necessário e comecei a pintar um quadro a partir de uma gravura. Quando ficou pronto, chamei meu tio para ver, e ele não só elogiou o trabalho como me estimulou a continuar. Fiquei contente porque venci o desafio, porém essa foi uma “obra prima” e única, que está pendurada numa das paredes de meu apartamento. Achei que não tinha o tempo nem a paciência necessária para me tornar um artista plástico. Mas valeu a experiência!

Meu tio ficou viúvo, casou-se novamente, voltou a morar em Rio Claro, onde faleceu com bem mais de 80 anos e ali foi sepultado. Pouco tempo antes de sua morte ele ainda se arriscava a subir em árvore para cortar alguns galhos. Tinha grande prazer pela vida, pela qual passou servindo e fazendo o bem, humilde e modestamente, dando testemunho de sua fé. Até hoje, sinto saudades dele.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE
NEGRI**

Cadeira n° 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Viajando pela África do Sul – 1

Conhecer parte da África do Sul e participar de safáris fotográficos no coração da selva, para quem ama animais como eu, é um sonho maravilhoso que se tornou real.

Percorrer o santuário sagrado e intocável dos bichos, em jipe sem capota, sentindo o vento no rosto, o sol causticante, cheiros e sons das savanas, é mesmo uma sensação indescritível. O desafio maior é conseguir ver os cinco grandes, os “Big Five”, que são o leão, o búfalo, o rinoceronte, o elefante e o leopardo. Como estávamos com muita sorte, conseguimos ver os cinco em dias diferentes, pois participamos, eu, meu marido e um casal amigo, de quatro safáris! Muita gente se considera satisfeita avistando três ou quatro dos “big”. Mas a fauna é riquíssima e tem muito mais animais, como girafas, hipopótamos, gnus, zebras, que pastam tranquilos, e bandos de macacos, hienas, entre outros, sem contar a infinidade de aves.

Os carros saem sempre às cinco da manhã e às quatro da tarde, quando o sol não está tão forte, e ficam rodando por três horas seguidas pelas poeirentas trilhas de terra, aos solavancos. Para nossa sorte, não choveu nenhum dia! E nem sentimos as horas passarem, tal a emoção, ansiedade e expectativa.

Uma coisa é ver elefantes e girafas tristonhos, acorrentados, e leões presos em jaulas minúsculas em circos ou zoológicos. Judia-dos, acuados, muitos com garras e dentes extirpados. Outra, bem diferente, é vê-los soltos, altivos e imponentes, livres em seus *habitats* naturais.

Os machos, impondo sua força e defendendo seus territórios, e as fêmeas orgulhosas, caminhando com suas crias. Nada de animais submissos e maltratados.

Felinos bocejam e se espreguiçam ao sol como se fossem gatos domésticos.

A natureza mostra-se exuberante sem a ação predatória do homem. Não se avista nenhum saquinho plástico, copos descartáveis, nada de poluição ou lixo, pois animais não poluem e não destroem o meio ambiente.

Rinocerontes caminham vagarosamente e tomam banhos de lama. Uma hiena cruza a trilha e me assusta o tamanho dela. Pelas ilustrações em livros e pelos documentários televisivos, imaginava que fosse pouco maior que um cão de grande porte, mas ela é realmente imensa.

Cada animal que vi cruzar a trilha era de uma beleza ímpar que não dá para descrever. Não fiquei com medo. Apesar de estarmos invadindo o território deles, talvez deduzam que os jipes que lá circulam não oferecem perigo. Acho que se acostumaram e deixam os carros em paz. É terminantemente proibido alimentar os animais, pois eles fazem parte de um ecossistema perfeito e não precisam dos alimentos industrializados dos humanos.

Tudo é preservado e intocado, pois lá só a natureza age. Perguntamos ao guia se havia veterinários que atendessem os animais feridos e nos informaram que não podem interferir em nada. Animais se alimentam fartamente nas extensas savanas, se multiplicam, convivem em harmonia. Os carnívoros só perseguem a presa quando com fome. Quando estão de barriga cheia, ficam lado a lado, sem se importunarem uns aos outros, em relativa paz.

Com meus olhos marejados de emoção, rezo para que esses santuários ecológicos que ainda restam no planeta sejam preservados para as futuras gerações, pois seria muito triste se nossos descendentes não pudessem usufruir dessas maravilhas e conhecer ao vivo e em cores essa natureza intocada.

Como a África não é só safári, animais e selva, deixarei para uma próxima crônica minhas impressões sobre os magníficos lugares que visitei.

Viajando pela África do Sul – 2

Viajar é sempre enriquecedor e mágico. Em cada viagem, descobrimos coisas novas, conhecemos povos, costumes, tradições e culturas diversas.

A ideia que a maioria das pessoas tem da África é de aborígenes em aldeias e florestas intocadas cheias de animais selvagens, inclusive, quando eu contava para os amigos que iria passar o réveillon na África do Sul, muitos aconselhavam: tome as vacinas necessárias porque lá há muitas doenças, use repelentes contra insetos e tenha cautela com alimentos.

Por incrível que pareça, não levei uma única picada de inseto, mesmo dentro das reservas naturais onde se realizam os safáris fotográficos. Onde sempre levo centenas de picadas de borrachudos e pernilongos é no litoral norte aqui em São Paulo mesmo. A comida africana é excelente, variada e ninguém passou mal, mesmo com os excessos.

Por causa da colonização holandesa, francesa e inglesa, Cape Town, uma grande metrópole rodeada de montanhas e praias, tem muita gente loira ou ruiva e de olhos claros nas ruas. Os negros ainda são na maioria os serviçais, motoristas, cozinheiros, garçons, camareiras, pois o *Apartheid* vigorou até 1994, uma injusta e imoral segregação racial. Mas o povo africano é alegre, sorridente, simpático e acolhedor.

Em Cape Town, tem-se a impressão de estar numa cidade europeia, tal a limpeza das ruas, banheiros públicos impecáveis, as ruas arborizadas e sem fiação elétrica, já que os fios são subterrâneos e invisíveis. É considerada uma das cinco cidades mais bonitas do mundo, paraíso dos surfistas por causa das ondas gigantes.

Shoppings centers de primeiro mundo abrigam lojas de grifes famosas internacionais, como em Londres, Roma ou Paris. Mas o que me encantou mesmo foi o artesanato local, nas feirinhas. Nada *made in China*, tudo artesanal, colorido e bem feito. Dava vontade de encher as malas com aquelas coisas lindas! Animais perfeitos entalhados em madeira, bijuterias coloridas, quadros, roupas e utensílios diversos.

Da janela do hotel dava para visualizar o cais com centenas de navios ancorados, a famosa Table Mountain, onde se sobe de funicular para pegar o bondinho. A vista do alto é magnífica. Tem uma roda gigante, réplica em escala menor da London Eye, e dá para avistar até o gigantesco estádio que foi utilizado na última Copa do Mundo.

O mar, de um verde intenso, abriga a diversidade da vida marinha. O passeio de barco até a Ilha das Focas é maravilhoso. Centenas delas em seu *habitat* natural. E também há o Vale dos Pinguins, onde a gente se encanta com essas aves desajeitadas e simpáticas, ora em terra, ora na água.

No centro da cidade localiza-se o famoso Hospital Somerset, onde o cirurgião sul-africano Christian Barnard realizou o primeiro transplante de coração do mundo.

O Oceano Atlântico faz divisa com o Oceano Índico, e é lá que se localiza o marco do Cabo da Boa Esperança, que todos estudamos nos bancos escolares.

Assim como na Índia Gandhi é idolatrado, na África eles veneram Nelson Mandela. E existem muitas estátuas e monumentos em sua homenagem em todos os lugares, pois combateu corajosamente o *Apartheid* e ficou preso injustamente por quase 30 anos, por lutar pela paz do povo africano e contra o preconceito.

O trânsito flui bem, apesar de a mão de direção ser como na Índia e Londres. Difícil assimilar essa mão contrária para quem está acostumado a dirigir no Brasil.

Cape Town é uma das poucas cidades do mundo que possui um hotel 6 estrelas. As vinícolas são um espetáculo à parte e, para alegria dos turistas, abertas à degustação de vinhos, brancos, rosés, tintos, frisantes. E no Museu do Ouro, um prédio todo dourado, servem, aos sábados, vinho com pó de ouro aos visitantes!

Com esta segunda crônica, encerro minhas impressões de viagem sobre os lugares que visitei e me encantaram na África do Sul, apesar de ter muito mais a contar!

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA
NEGREIROS ATHAYDE**

Cadeira n° 34 - Patrono: Adriano Nogueira

Manhã parnasiana

Tão bela essa manhã que se desdobra
sobre os ombros do mundo, em largo véu.
Ver que os raios do sol, espreguiçando
derramam-se em festões, iluminando
das aves o arrogante escarcéu

Ver que o orvalho da noite, sobre a grama
um tapete de estrelas vai tecendo.
Gotículas dançando com a brisa
trejeitam um sorriso monalisa
e se entregam ao sol, esparecendo

Mas a brisa cantante, e sem licença
perpassa sinuosa e atrevida.
A ramagem e as folhas do gramado
ensaiam sonolentas um bailado
ao tom dessa manhã recém-nascida

É um festival de sons, perfumes, cores
trazido com as luzes do Levante.
Em brilhos estremece o novo dia
sacudindo da noite a letargia
na doçura sem par desse instante

Que tão belo cenário se alevanta
 ao abraço de luz, ardente e santo!
 A vasta pulsação da natureza
 instila dentro da alma tal leveza
 ... e a vida recomeça em todo canto.

Xzxxzx

...E a musa morreu na indiferença

Poeta, deixa o teu verso escorrer
 pálido e triste, e solitário e mudo
 Deixa que o riso desdenhoso açoite
 as pérolas gentis do teu poema
 como a geadas que cresta as frágeis flores
 no silêncio cúmplice da noite

Não creias que o mundo entenderá
 que a poesia é um êxtase da alma
 Que a solidão, para o poeta, é uma viagem
 e o turbilhão, para o poeta, inspira calma

.....

O mundo é surdo. A indiferença é abismo
 onde não cabe mais teu verso triste
 onde tua musa resvalando passa
 e para acolhê-la nenhum sonho existe.
 Onde tua musa já não tem abrigo
 nem lar, nem flores, nem um seio ardente
 Alma em exílio a vagar sozinha
 em meio ao riso da turba indiferente.

.....

É tarde! Dorme! Esquece os teus cismares!
Não eleves mais teu pensamento nobre!
Deixa que morram a musa e a poesia

Vai repousar no sono a fronte extenuada
Depois... sê como o mundo, miserável e pobre
Trabalha e vive... sem lutar por nada.

Sem verbo

Estilhaços de vírgulas
e interrogações partidas
Semeadura de reticências
num poema sem verbo
de versos quebrados
de estrofes sem rimas
talvez sem encanto
... apenas desnudo

Na alma... sonhos... somente
desejos... anseios... buscas
Nestas horas escuras, tortas, inquietas
tempestades de crenças... amálgamas sem vida
oscilações de ímpetos... de ideias... tudo
tudo sem palavras

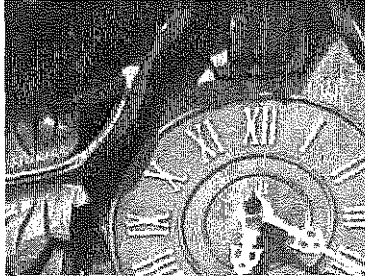
A inexistência do verbo... o estilhaço do verso
... e essas reticências desoladas, intermináveis
O pensamento reticente...
os desejos... o sonho... a busca... reticentes

E no fim... o poema sem verbo
A alma sem crenças... a crença sem vida
e a vida sem luzes... nem brilhos

... só o grande vazio em meio ao pó
da inspiração desintegrada

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes

Reflexões de um noctívago



O tic-tac do relógio me mantém preso à realidade, o tempo passa. De maneira constante e progressiva. A baixa temperatura traz uma sensação agradável de frescor. Se pudesse alterar o calendário, faria muitas coisas de forma diferente. Seria menos sisudo, daria menos importância àquilo que hoje sei que não tem nenhuma.

Prestaria mais atenção aos detalhes. Teria enfrentado com mais vigor aquilo que deixei para lá em nome de uma boa convivência ou por temer algo que só existia em minha imaginação.

Seria mais eu. Sem ser egoísta.

O tic-tac do relógio quebra o silêncio da madrugada.

A vida é um grande teatro que cada um interpreta à sua maneira

Uns riem, outros choram. Prepotentes escondem suas fraquezas. Falsos humildes são aqueles que ainda não deram lustro à sua vaidade.

Justos, só o são quando querem impressionar a plateia. A vida é um circo, um picadeiro, quando o palhaço se cansa é substituído por outro. O importante é que o espetáculo não pode parar.

O tic-tac do relógio é compassado. Afinal, aonde você deseja chegar? Planos, metas, relatórios. Cada qual escolhe um papel para representar no palco da vida. As variáveis incontroláveis tornam o espetáculo excitante. Os psicopatas são obstinados, não medem esforços nem meios para atingirem seus objetivos.

O tic-tac juntou-se à goteira da torneira caindo sobre a pia. Sinfonia demoníaca.

O sono fugiu na madrugada fria, talvez tenha ido visitar a lua.

O gemido de um motor subindo a ladeira corta o silêncio da madrugada. Alguém que leva alguém ou alguma coisa. Talvez um coração cheio de esperança no dia que logo irá nascer.

Lembro-me do Orival Leiteiro quando deixava o litro de leite na porta, toc toc toc, era assim que fazia seu cavalo puxando o carrinho de leite. Logo em seguida vinha Seu Severo, com a égua Esperança, trazia o pão, a saudosa bengala. Afinal, por que pararam de fabricar bengala? E pão doce só com açúcar cristal? Pão com margarina, café com leite e o beijo adocicado de Maria Laura. O nó da gravata estava correto, ela sempre ajustava para ficar no centro do pescoço.

Toim toim toim... tic-tac, tic-tac, tic-tac. Pedestres passam falando em voz alta, são formigas operárias que vão para o trabalho. Felizes em sua simplicidade. Contam causos, criam sonhos, viajam em suas ilusões em plena madrugada, enquanto caminham em marcha acelerada.

Ploft! É o entregador de jornal. Notícias frescas e amanhecidas. Jornal é mais precível do que peixe. A manchete caprichada, em letras enormes. Quem morreu? São poucos os que confessam, mas a maioria procura a necrologia. Uns por curiosidade, saber se algum amigo ou parente deixou o nosso convívio. Há os rancorosos, quem sabe terão a boa notícia de que algum desafeto bateu as botas.

Começa a clarear. Sabão de barba. O perfume do sabonete de sempre. A água quente do chuveiro. O cheiro de café fresco invade o ambiente. Ligo a televisão, os canais disputam quem dá a notícia mais sanguinária. As estatísticas da noite me fazem pensar que estou em um mundo de guerra. Viver está perigoso. A moça do tempo anuncia os cumulonimbus. Hoje compro um relógio mais silencioso e conserto essa torneira. Se não der tempo compro uma garrafa de vinho para embalar meu sono.

Papai Noel

Sou do tempo em que cada criança colocava seu sapatinho na janela, sinalizando para o Papai Noel que naquela casa tinha crianças aguardando a sua chegada com os presentes desejados.

Confesso que, ainda menino, essa ilusão nunca existiu para mim. Muito cedo fiquei sabendo que os presentes viriam conforme o dinheiro disponível no bolso do meu pai.

Atualmente ando pensando em entrar com uma ação judicial contra Papai Noel. Vou alegar que sofri *bullying*. Se Papai Noel existir, pelos sonhos irrealizados, acho que vou ganhar uma bela indenização do Bom Velhinho. Já estou procurando um advogado que aceite a causa. Os honorários também serão pagos pelo Bom Velhinho. Talvez tenha que penhorar algumas de suas renas.

Natal para mim sempre foi com presépio, uma cena que me comove: uma criança seminua, tendo ao lado seus pais e sendo aquecido pelo calor emitido por um bovino e um muar. Alguns presépios tinham carneiro. Outros tinham até patos, algo meio contrastante com o meio físico onde ocorreu o nascimento de Jesus Menino.

No Natal celebrávamos o nascimento de Jesus Menino. Papai Noel era uma figura folclórica. Ainda muito novo eu tinha consciência disso.

A impressão que tenho é que o Bom Velhinho andou malhando muito, ganhou uma enorme musculatura, e aos poucos tomou conta do cenário. É um idoso muito esperto esse tal de Papai Noel. Conseguiu fazer um grande trabalho de *marketing*, assumiu como sua a data que pertence à comemoração do nascimento de Jesus Cristo. O aniversariante passou para segundo plano. De uma hora para outra a humanidade passou a comemorar o Natal. Seria maravilhosa essa fraternidade universal. Só que o objetivo é fazer de Papai Noel o maior vendedor do mundo. E isso de fato foi realizado. Em meio a tanta alegria faltou o reconhecimento dos serviços prestados pelo Bom "Vendedor" Velhinho e suas renas. Até hoje não entendi por que a NASA ainda não fez uma pesquisa séria sobre elas, desconheço veículo tão veloz como o trenó que elas tracionam.

Papai Noel nos torna crianças, e isso é extremamente saudável. Não perder o sonho, a ilusão.

Como cristão ainda considero que Natal é a celebração do nascimento de Jesus Menino.

Espero que Papai Noel traga-lhe todos os presentes que você pedir. Rogo a Jesus Cristo que o abençoe com paz e saúde.

Não despachei da minha infância a figura de Papai Noel. Apenas bem novinho soube que era a maior jogada de *marketing* feita até hoje. Continuo pedindo e agradecendo ao Menino Jesus por tudo que tem feito por mim e para as pessoas que estão sempre presentes em minhas orações, inclusive você.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira n° 36 - Patrona: Olívia Bianco

Toque de ternura

No barranco, a pedra enorme
de aparência tão disforme
sugeria ações vazias,
mascaradas fantasias.

Insinuava mil ardis
frieza, atitudes vis
aos que tinham ilusões,
que aqueciam corações.

Nela um dia cai semente
pequenina, tão somente,
e por milagre viveu.
Então, linda flor nasceu.

Eis que o colibri chegou,
se encantou e a beijou,
ósculo tão demorado,
terno, muito apaixonado.

Neste instante criou-se elo,
o feio se tornou belo
e, na minúscula fenda
o amor se fez oferenda.

Presença

Busco na lembrança
sua imagem.
Traços físicos são lembrados,
vez ou outra interceptados
por borrões, névoas,
tornando-os ofuscados.

No voo etéreo da saudade
(para nossa felicidade),
Sua beleza interior é evocada.
Então, você ressurge íntegro, intacto
e sua presença fica real,
com força total!

*(Lembrando nosso pai querido,
que completaria nesse fevereiro de 2013,
100 anos de vida terrena)*

Mulher, Mãe

Existe uma mulher no universo
que transcende amor sem limites.
Ama e se doa noite e dia,
até se perde no anonimato,
não cobra seus trabalhos, sacrifícios,
e sua pureza de sentimentos a faz
um ser original, especial.

Bem poucos lhe agradecem
seu zelo e devotamento,
mesmo assim insiste em desdobrar-se
para o outro promover.
nem sempre compreendida,
não se importa com as críticas
quando defende sua família,
e na ofensa, sabe perdoar.

Tem muitos nomes,
mas todos a chamam por um só,
o qual, quando pronunciado,
soa como suave hino
formado por apenas três letras,
que lembram algo divinal:

MÃE!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI

Cadeira nº 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

O Infinito vem salvar

Sim, o Infinito vem salvar o finito, ou seja Deus desce dos Céus, assume a natureza humana e como homem vive, é preso, julgado, crucificado, morre e ressuscita, volta ao Pai e deixa à humanidade a graça celestial da salvação eterna, caso para que assim seja, o homem aspire e viva. Acontecimento imenso, grandeza sem limites, coisa que só por um Deus se poderia realizar e eternizar.

E o que teria feito o homem para merecer a atenção, a vida e a morte de Deus Filho? Ah! essa criatura nada mais fez do que pecar, perder a celestial recompensa infinita e candidatar-se à companhia infernal e sem fim do inimigo de Deus, do senhor Satanás. E só a Segunda Pessoa do Eterno Infinito Divino seria necessária, como ocorreu segundo o mundo sabe e assistiu em tempos idos, para abrandar a ira de Deus e recuperar dEle a graça da Salvação.

Contraste incomensurável, fato descido do Céu, misericordiosa decisão do Pai Celestial, a História inarredável da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, é tão grandiosa que ficou escrita para a eternidade e registrada com letras de ouro e profundidade superna através de todos os tempos, pois jamais seria possível e aceitável fosse esquecida pelo mundo, pela humanidade, por nós, míseros “insetos” de uma singela passagem de segundos por ele.

É o que um insignificante poeta, agraciado por Deus por quase uma centena de anos (93 e pico), tem a dizer, recordar, tentar convencer, editar estas linhas escritas sob o impacto de mais uma Semana Santa, é o que o pobre poeta – repito – tenta registrar, em seu desconexo palavreado, aos possíveis leitores e cristãos que nele deitarem os olhos, sequiosos, todavia, de estilo grandioso e sublime.

E mais uma Páscoa foi registrada no calendário da História.

E novo Aleluia ecoou pelo mundo afora! Portanto, caríssimos, nestas linhas vos envio meus votos de Feliz Páscoa, embora com alguns dias de atraso, e que o Ressurrecto ressurja triunfante e vencedor em cada lar.

A grande mentira

Não é mais o viver que seguir por atalho
desafiando a dor, em dores se estorcendo,
muitas vezes ao lado humanas feras vendo,
outras muitas, do amor, famélico espantalho.

Vai conosco um fantasma, esquelético e tremendo,
castigo do pecado – o peso do trabalho.
O homem labuta em vão, demais pesa-lhe o malho,
de mentira em mentira a gente vai morrendo.

Estúpida ilusão, nela se engolfa o homem,
fatídica e falaz foge a felicidade
enquanto a humanidade engrandece o abdômen.

Queimam-se sonhos mil ao longo do caminho,
vai-se a vida em fumaça e no altar da vaidade
a humanidade reza e endeusa o que é mesquinho.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz

Com a morte de minha Mãe...

Com a morte de minha mãe, uma porção de lembranças veio à minha mente. E não eram apenas as da infância, nem as do tumulto da adolescência, da escola ou da vida de mais tarde quando já casada, ela e o papai vinham em fins de semana, ou quando ficavam com os netinhos para que a gente pudesse viajar... Eram momentos dos mais diversos, das minhas crises de bronquite e ela no pé da minha cama, ou muito enérgica em seus conceitos de moral e exigência nas lições de casa, enfim, de emoções longínquas ou até esquecidas já, que se mantêm vivas agora, senão machucando trazendo doces recordações no relacionamento comum que filhos e pais costumam realizar até com atritos e discussões. Todo mundo aprendendo... Músicas que me lembram agora não só épocas divertidas, mas outras que mexem com o coração sempre que surgem, dando-nos a certeza de que, se esse tempo passou, agora é preciso continuar, sem esmorecer, quem sabe com novas músicas, novas letras de canções e novos sentimentos...

Engraçado é que, com a morte de minha mãe, me vejo mais forte e mais corajosa, mais consciente e mais responsável nos passos a dar nesta vida com tantos compromissos com a família que precisa de mim, e que cresce no dia a dia sem me dar tempo marcado para ficar, ou hora para ir embora daqui, mais firme e mais madura, como se esta fosse a forma definitiva de ver as coisas, sem ela mais por perto, lembrando, porém, que, minha mãe teve uma vida longa de ausência de enfermidades, acidentes e cirurgias, com todos os filhos, netos e bisnetos vivos e saudáveis (e olhem que somos bastantes!). Isso foi uma super bênção, sim, que é preciso louvar e saudar a Deus todos os instantes que estamos passando e os que teremos ainda que passar. Uma, por assim dizer, homenagem a essa

mulher, a esse ser humano muito digno pela longevidade de tantos dias (foram 99 anos!), horas e segundos vividos por ela, bastantes calmos até, e, por que não dizer, independentes. Trabalho, minha mãe nunca deu! Era autossuficiente e, se precisou de respeito, atenção e amor normal e natural que as mães merecem ter, ela teve enquanto esteve ao meu lado.

Consciência de “dever cumprido” é uma graça que precisa ser colocada à frente de qualquer sentimento honesto, livre e limpo, tanto para as mães, como para os filhos. No entanto, chega um momento em que elas precisam descansar, infelizmente. Precisam partir ao encontro de Deus, de seus novos caminhos e da Vida Eterna que não nos é possível conhecer aqui. Por isso, ela foi embora. Era sua hora única, decisiva e definitiva. Sua falta, lágrimas, saudade e orações não são possíveis ignorar ou cancelar. Elas existem e vão ficar através dos dias enquanto estivermos nesta vida. Fé, porém, no encontro de um dia que acontecerá, também. Até lá, mamãe querida. Descanse em paz!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI

Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade

Casas & Visitas

Um amigo querido e eu andamos trocando *e-mails* sobre o saudoso tempo das visitas, ocasiões em que era servido um bolo, um cafezinho, um doce de compota feito em casa, essas delicadezas de antigamente, entremeadas de risos cúmplices, barulhinho da xícara no pires, janelas abertas e toalhinhas bordadas.

Ah, quanta coisa linda sumiu da nossa vista! Alguém viu por aí uma anágua com rendas? daquelas bem molinhas, para uma mulher elegante usar sob a saia? Há pouco tempo, fui a uma loja de lingerie e pedi uma anágua. A jovem vendedora fez uma cara de espanto e perguntou: “O que é isso???”. Eu expliquei e ela retrucou: “Mas eu nunca soube que isso existia!...”.

Sim, muita gente desconhece a existência de uma porção de coisas. Ou porque estão mesmo *démodées*, caíram em completo desuso, ou porque a nova geração não conhece de fato, de nunca ouvir falar, de jamais ter tomado conhecimento, seja por meio de um livro ou de um filme.

Quanto às visitas, estas se perderam no tempo. Estão terminante-mente proibidas. Imagine chegar na casa de alguém na hora da novela. É crime inafiançável. Corre-se o risco de ser expulso já no portão, não te deixam nem entrar. Ou subir pelo elevador. Ou passar pela portaria do condomínio. Bem feito, porque é de bom tom avisar quando se vai à casa de alguém. Dar uma ligadinha antes, combinar um horário, para você não pegar as pessoas de surpresa. Chato, né? Ninguém gosta, fala sério.

Danuza Leão define com elegância e educação: não se visita ninguém sem avisar antes e não se telefona para ninguém antes das 10 horas da manhã. Salvo aviso de falecimento. Acho isso de um bom gosto tremendo.

Desculpe. Dei uma volta danada no assunto e vim parar aqui. Mas retomo, vamos lá. Li numa revista que já não se usa mais ter aquela sala separada do resto da casa, aquele espaço todo arrumadinho, decoradíssimo, onde ninguém põe o pé, sabe? Tem casa com sala de visita onde não entra nem o papa... É proibido pisar no tapete persa, os quadros são caríssimos, o sofá é de couro legítimo, mas ninguém senta...

Hoje, a moderna decoração pede que se integrem todos os espaços da casa, todos os ambientes devem ser usados, partilhados. Então, que bom, aboliu-se aquela sala intocável, mera vitrine para os olhos. Mas, de nada adianta abrir os cômodos de uma residência, se há poucas visitas, se falta justamente o aconchego, a presença humana.

Perdeu-se o hábito de visitar os amigos e parentes. Além do que muitas casas viraram prisões, fortalezas de muros, grades e cercas elétricas, fortificações altíssimas, protegidas ao extremo, onde não se sabe se mora gente ali. Sim, há residências que mais parecem cemitérios, túmulos... Uma casa assim espanta a visita.

Ah, que saudade da minha doce casa, no tempo da infância. O portão da rua, o jardimzinho na frente, a trepadeira de florzinhas cor-de-rosa fazendo sombra no terraço adorado, os bancos de ripas de madeira com pés de cavalos de ferro. Esta fachada era um convite irrecusável para que a visita entrasse. E um tapetinho rústico na soleira da porta trazia a inscrição: Bem-vindo.

Gente do céu, como as coisas mudaram! Estamos presos em nossos temores, acuados em nossas desconfianças. Tememos o outro, só de olhar para ele. Numa rua deserta, cruzar com alguém dá arrepios. Sair de carro à noite, parar no farol, tudo tão arriscado e perigoso. Da rua, para casa. Correndo. Nosso doce lar não é mais aquele ali, pintadinho de ocre, no meio do quarteirão, com garagem e jardineiras na mureta. Quem pode está se mudando para os condomínios fechados.

Mas temos de vencer a paranoia do medo, pelo prazer de sair, de visitar, de viver. De abraçar a quem não vemos faz tempo e dizer aquelas palavras de antigamente, quando as pessoas em mútua benquerença se cumprimentavam. Havia uma beleza natural nesse encontro.

Ah, as doces casas das nossas lembranças! Elas possuíam alma, tinham cheiro de pão fresco, de café, de doce de leite borbulhando na panela, de bolo de fubá saindo do forno lá na cozinha. Tinham gosto de beijo, de abraço, de gente. Gosto de amor. À menção de um “vou indo, já é tarde”, o dono da casa dizia: “é cedo, fica mais um pouco”. E na saída, o visitante ainda ganhava de quebra o tradicional “vê se aparece mais vezes, hein?”. E era sincero.

Ainda somos seis

Estou atendendo ao pedido de um amigo, que adora ler “as coisas de antigamente”. Ia começar este título com “Éramos seis”. Ainda somos seis irmãos, todos vivos, na graça de Deus. Todos já passamos de meio século e cada um já viveu sua parte de alegria e de dor nesta vida. Somos seis irmãos e guardamos o legado lindo deixado pelos nossos pais.

Então, “éramos” seis, cinco mulheres e um homem. Minha mãe, impecável na sua função de administrar a casa, reinava como a perfeita rainha do lar, à medida que crescíamos. De manhã cedo, a mesa posta, o cheiro de pão fresco, o leite fervido, o café coado recendia pela casa. Cedinho, meu pai já havia saído para o trabalho e minha mãe começava a lidar com os afazeres domésticos.

De suas mãos brotaram as mais belas refeições de que tenho lembrança. O pernil assado com batatas; o frango com polenta; o nhoque e o bife à milanesa; o bacalhau com molho; a macarronada maravilhosa, tudo feito em casa, com carinho e capricho. E os bolos e doces? Ninguém fazia um doce de abóbora em pedaços igual ao dela.

Mamãe foi do tempo do ferro de passar com brasas e do fogão a lenha. Dignamente rachava a madeira no quintal, acendia o fogo para a comida de cada dia. Ficava com as mãos tão grossas, mas usava um pé de mamão que tínhamos num terreno ao lado de nossa casa e, com um facão, dava um talho no tronco. Dele escorria um

leite branco que ela passava nas mãos, pois dizia que amaciava bem a pele.

Sabia destroncar o pescoço do frango, depois o punha numa grande caçarola com água fervendo para amolecer a pele e tirar as penas uma por uma. Aí, cortava a ave em pedaços e a temperava. Para fazer a sua famosa polenta com frango, que nunca existiu igual no mundo!

A roupa lavada e passada pelas mãos da minha mãe tinham um perfume único. Sabia fazer um pouco de tudo, costurava, bordava. Lembro da alegria dela com o primeiro fogão a gás, a geladeira, o telefone, a televisão. Eram presentes maravilhosos para ela! Acho que nunca a ouvi se queixar de nada. Parecia ser imensamente feliz, mesmo com tantos afazeres diários. E a gente só vivia brincando, estudando, passeando, indo ao cinema...

Que tempo maravilhoso foi aquele, minha mãe e minha avó italiana disputando espaço na cozinha, na pia, no fogão, uma mexendo a polenta, outra lavando a louça... Meu pai trazendo carne de porco do sítio e minha mãe lidando com ela, fervendo as tripas, usadas para encher de linguiça caseira. Vinham as laranjas, mangas e goiabas. A goiabada era feita no tacho de cobre. Levávamos pão com goiabada de lanche durante semanas na escola e ninguém enjoava de nada.

Para mim, como já afirmei, a felicidade reside nas coisas simples. Sobretudo quando se tem estas lembranças acesas no coração! Minha avó italiana e sua tigela branca para o café com leite, onde ela molhava o miolo do pão. Meus irmãos e eu, meu pai e minha mãe. Os dois ajoelhados rezando o terço, diante dos quadros lindos dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Ainda somos seis e, quando nos reunimos, vem o abraço mudo desta felicidade pequenina e as lágrimas de saudades enchem nossos olhos e nossos corações!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI

Cadeira n° 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Quem sou eu?

Uma mistura de areia e vento.
só areia, só vento,
uma ventania, um vaso de cerâmica.
Uma dança que flutua nos sonhos,
uma realidade que sangra na pele.
Uma foto, muitas fotos,
muito focos de um foco só.
Uma mistura do mar e areia.
Um pouco do sol, um pouco da lua.
Uma tempestade, um dia azul.
Tudo varia e de variado pode ficar.
Os amigos, a família, estes não.
Estes moram no coração.

Queria...

Queria uma tempestade.
Uma chuva, já seria bom,
Um copo de água até que mataria a sede.
Uma gota já me faria melhor.
Já que nada disso pode ser,
Deixe então
Apenas minha lágrima na sua mão.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

A renúncia do grande defensor da Fé

Coragem, humildade, defesa intransigente de princípios morais inegociáveis, sobretudo maturidade de fé, escudada em grande sabedoria teológica e conhecimento da doutrina cristã, eis o legado do papa Bento XVI, que anunciou sua renúncia no último dia 11 de fevereiro, num gesto grave e histórico.

Vários são os motivos alegados e explorados pela mídia sensacionalista, embora se saiba que o feito deste Papa não seja o dos impactos e das exposições espetaculares. Simples, modesto e discreto, o verdadeiro servo de Deus na acepção da palavra, seu gesto, pensado e refletido é, sim, o da decisão lúcida e coerente de um homem vergastado pelo peso de uma responsabilidade maior do que sua capacidade humana pôde suportar.

Não somente a saúde fragilizada, mas principalmente o reconhecimento de que as rápidas mudanças e agitações de grande relevância para a vida da fé, numa conjuntura de graves divisões e crises movidas por interesses políticos, pessoais e ideológicos, incompatíveis com a doutrina cristã, estão desfigurando os pilares eclesiais. Sabe-se que, nas diversas tentativas e reações extremas contra o governo paralelo que teria se formado à sua sombra sob o comando de um cardeal italiano, o papa sentiu a exaustão e o isolamento político, consciente de que já não mandava sozinho na Santa Sé. Com os poucos anos que lhe restam, convenceu-se de que não conseguiria fazer o que havia planejado em face da resistência de seus ex-aliados; achou por bem abandonar o confronto num momento de relativa calma.

Na Quarta-feira de Cinzas, em sua última Missa realizada na Basílica de São Pedro, o Papa deixou entrever em sua homilia esta problemática, apoiado no Evangelho que condena a hipocrisia dos fariseus.

A Igreja, fundada por Jesus Cristo, é santa; porém ela é formada por santos e pecadores. A dor e a emoção que sacudiram milhões de cristãos nesses momentos incertos, vêm acompanhadas porém, de uma certeza: a Barca de Pedro não soçobra; permanecerá firme, apesar dos ventos e das tempestades! As portas do inferno não prevalecerão contra ela, sustentada por Jesus, o Supremo Pastor, cuja Palavra de salvação permanece para sempre, no mundo de ontem, de hoje e de amanhã. Firme porque, para conduzi-la, temos a força e a santidade de grandes condutores, zeladores e defensores da fé, a legar para a posteridade o testemunho de sua edificação.

Sucessor de João Paulo II, o Papa carismático, de quem foi grande amigo e conselheiro por mais de 15 anos, Bento XVI não possui seu carisma, embora tenha sido, provavelmente, o intelectual mais preparado para a cátedra de Pedro. Autor de escritos e encíclicas notáveis, de enorme profundidade, como *Caritas in veritate* (A caridade na verdade), *Deus caritas est* (Deus é caridade), suas páginas repletas de reflexão estruturadas num imenso amor ao Deus da Verdade, de Quem tudo provém, conduzem-nos para uma espiritualidade construída e amadurecida pela razão. Uma luminosa sabedoria, apoiada na vasta formação teológica e clássica, desdobrando-se no raciocínio lúcido sobre os aspectos da verdade e da caridade de Deus, ambas em estreita ligação.

Na encíclica *Spe salvi* (Salvos na esperança), em refinada abordagem, a mensagem de Cristo é desvinculada da política; citando Kant, Platão, Dostoiévski, Nietzsche e Marx, o grande teólogo discute os limites da modernidade e da construção de um mundo sem Deus e sem a esperança que encoraja a razão e dá-lhe a força para orientar a vontade.

Toda essa herança, nesses oito anos de pontificado, será lembrada por milhares de cristãos que desfrutaram de seus escritos, de suas aulas catequéticas e de seus sábios pronunciamentos. Bento XVI nos deixa um precioso legado e um forte testemunho de autenticidade. Este Papa será lembrado sempre como um grande defensor da Fé num mundo dividido por tantas e alarmantes problemáticas. Como Cristo, crucificado pela incompreensão e injustiça, seu testemunho da Verdade, única e intransigente, é o sinal característico da contradição, a marca do verdadeiro cristão, proclamada e vivenciada por Cristo, há mais de dois mil anos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI
Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca

MAFLA^(*)

Há muito tempo que você se foi. Já se passaram mais de trinta anos, e o modo que escolheu para desistir de tudo chocou a todos com quem convivia, deixando um vazio incomensurável. Depois que nos abandonou, ninguém mais conseguiu ocupar seu lugar da mesma forma no grupo, nem por um instante que fosse. Foi também o início do final de uma pequena confraria de “elefantes”^(**), que lentamente se dispersou buscando acrescentar outras realidades e valores existenciais a fim de justificarem a essência do ser e viver no dia-a-dia e no porvir.

Seu nome de batismo já não mais interessa e não teria o mínimo significado. Está disperso no infinito e perdido dentro do esquecimento da eternidade, e assim deve permanecer. O realmente importante, que deixou indelevelmente marcado a ferro e fogo dentro de cada um de nós, foi a lembrança de que, além de ser uma pessoa como nós, com seus altos e baixos, sempre estava preocupada em auxiliar a quem quer que fosse. Era muito mais do que um bom samaritano. Doava-se ao limite da própria realidade, chegando até às raias da fantasia. Onde sua pessoa se fizesse necessária, aí estava,

* Qualquer semelhança com fatos presentes ou passados não passa de mera coincidência.

** Conceitua-se de “elefantes” àquelas pessoas onde não existe o limite, o pecado e a culpa. A única fronteira que respeitam é o direito e liberdade do próximo, desde que a mesma não interfira intensamente com seus valores. Aceitam os fatos como eles se desenvolvem, pouco interferem em sua modificação e não se sujeitam a um controle social. Exercem suas atividades dentro do domínio lógico. O restante da população são as “formigas”, obreiras, obedientes. Seu maior prazer é levantar-se, ir ao trabalho, cumprir sua jornada, ir para casa, juntar-se com a mulher, alimentar-se e fazer filhos, além de irem à igreja aos domingos. Verdadeiras ovelhas a que tudo aceitam, contestam violentamente tudo aquilo que foge às normas habituais impostas pela sociedade ocidental machista e castradora.

com um ombro amigo para aparar as lágrimas de dor que escorriam dos olhos de seu próximo, e até mesmo de desconhecidos.

Seu coração não tinha restrições e preconceitos, sua bondade e compreensão estendiam-se além do limite do lógico, sempre amparando aos necessitados. Suas mãos, com os finos e longos dedos mágicos, mergulhavam nos cabelos revoltos destes desvalidos, seguravam sua cabeça enquanto seus lábios sussurravam palavras taumatúrgicas ao ouvido, e do rosto congesto pela dor e desespero, víamos o milagre da metamorfose que se processava. Se havia lágrimas de dor e sofrimento, estas simplesmente desapareciam. Se era o ódio que transparecia, o rosto serenava, e a paz interior retornava. As vítimas eram levadas ao um êxtase indescritível, e a alma torturada sucumbia ao enlevo que se seguia.

Mas algumas vezes isto ainda não era o suficiente. O efeito do encantamento não se corporificava. Havia a necessidade de algo mais do que o mágico toque de Midas. E então víamos, em esforço supremo, doar o próprio corpo na relação sexual avassaladora em que ambos se envolviam de súbito, tal qual atração entre polos opostos. Em um breve instante, inesperadamente as vestimentas simplesmente esvoaçavam em alucinada dança, como que arrancadas dos protagonistas. Em um piscar de olhos, tínhamos dois corpos nus que se entrelaçavam. Estivessem onde estivessem, os dois seres existentes, quase de imediato se fundiam em apenas um. Havia uma total harmonia e simbiose, um absorvendo o outro em sua totalidade, fundindo-se em uma única criatura. Dos corpos ávidos pelo encontro, apenas uma única massa permanecia. Não havia mais duas pessoas, simplesmente um único ente, um andrógino. Impossível também de definir se era *andros*, *gynos* ou *androgynus*.^(***) Era uma nova criatura que se complementava

*** O andrógino é aquele(a) que tem características físicas e, em aditivo, as comportamentais de ambos os sexos. Assim sendo, torna-se difícil definir a que gênero pertence uma pessoa andrógina apenas por sua aparência. Andrógino é, também, segundo o livro "O Banquete", de Platão, uma criatura mítica proto-humana. No livro, o *comediógrafo Aristófanes* descreve como haveriam surgido os diferentes sexos. Havia antes três seres: *Andros*, *Gynos* e *Androgynos*, sendo *Andros* entidade masculina composta de oito membros e duas cabeças, ambas masculinas, *Gynos* entidade feminina mas com características semelhantes, e *Androgynos* composto por metade masculina, metade feminina. Eles não estavam agradando os deuses, que resolveram separá-los em dois, para que se tornassem menos poderosos. Seccionado *Andros*, originaram-se dois homens, que apesar de terem

em todos os aspectos. Era uma explosão que simplesmente, não se entendia dentro da lógica, mas tinha de ser observada e apreendida dentro de toda a singeleza e beleza que se expunha, sem nenhum contexto de malícia ou moralidade, um misto da total exposição de parte física e da imaterial, era algo transcendental que ultrapassava a cognição humana, juntamente com o afeto e a volição.

Da união carnal gerada e consumada e do orgasmo que acabava por explodir com os dois corpos, víamos então raiar dois novos seres, diferentes do que existiam anteriormente, totalmente lavados de seus pecados, de suas culpas, purificados pela bênção da satisfação mútua, do entendimento total e comunhão transcendental, expiados de qualquer manifestação de ressentimento, ódio, dolo ou revolta, totalmente lavados no corpo e alma e isentos de qualquer mácula. Era um total renascer, físico e espiritual.

Esta foi sua senda e saga na breve passagem por esta existência. Mas toda a magia do processo em que a pessoa estava mergulhada era algo que estava além de suas tênues forças humanas. O peso a que era submetido decorrente dos sucessivos auxílios o levava cada vez mais à introspecção de seu desenvolvimento e questionamento de seu crescimento interior, de sua pessoa como humana mortal que era, e a conseqüente depressão. Mas não conseguia suspender com suas atividades. A sensação gerada de deusificação era por demais potente e inebriante, juntamente com a satisfação do próprio bem estar que levava ao próximo. E todo o global deste contexto se impunha inclusive acima de sua própria existência.

Ao início foi uma insônia, frugal ao início, e que evoluiu rapidamente para algo rebelde, em que via o nascer e o pôr do sol. Sentia a crescente necessidade de um lenitivo. Escolheu o primeiro bálsamo: o álcool. Pequenas doses ao início, que foram progressivamente aumentando. Era o que aliviava as dores físicas que explodiam em seu corpo, e as psicológicas que transbordavam de sua mente.

Mas o processo era um contínuo crescer. A atividade tornou-se totalmente primária, fazendo com que quaisquer outros compro-

seus corpos agora separados, tinham suas almas ligadas, por isso ainda eram atraídos um pelo outro. O mesmo ocorre com os outros dois. *Andros* deu origem aos homens homossexuais *Gynos* às lésbicas e *Androgynos* aos heterossexuais.

missos fossem relegados a um segundo plano. Assim afastou-se da escola. E isto foi mais um incentivo para se aumentar o lenitivo. O outro foi indubitavelmente o afastamento de sua namorada, que tinha negros presságios no futuro e não aceitava sua imolação. Mas mesmo assim não conseguia suspender sua atuação. Desejava colocar um freio nelas, mas a impulsão que tinha sobrepujava inclusive o valor de sua própria integridade física e mental.

Se de um lado ocorria a sensação de endeusamento, de outro a sua situação familiar foi deteriorando, com as condutas que assumia. Não aceitavam seus genitores o sacrifício que observavam aumentar dia a dia. Mas, impotentes, viam o processo de sua integridade em contínua e acelerada desagregação e degeneração.

Todas as tentativas para afastar este sacerdócio de auxílio ao próximo foram coroadas de insucesso e total fracasso. Mesmo reconhecendo a importância social de suas atividades, não as conseguia coadunar com sua vida particular.

O emprego foi sua última perda. Veio de modo explosivo. Agora, nesta condição, ninguém mais queria fornecer o auxílio que endossava suas atividades paranormais. Dentro do desespero que esporadicamente lhe envolvia, não encontrava sua pessoa nenhum regaço para apoiar sua cabeça e assim ser o berço que amenizaria suas dores e sofrimentos.

O primeiro lenitivo não mais produzia os efeitos necessários, havendo necessidade do uso de substâncias mais fortes para acalantar sua paz interior. Era o único conforto para suas ambivalências, aflições e tempestades psicológicas.

De súbito, passou esta pessoa a verdadeira condição de pária social. Mas, mesmo assim permaneceu presenteando as que lhe procuravam com o auxílio requisitado. Isto também ajudava a mitigar seus sofrimentos.

Envelheceu de súbito. As rugas avançaram pelo rosto e corpo. Os músculos ficaram flácidos. As pálpebras caíram. Olheiras eram o habitual de seu rosto. As costas arquearam. As pernas fraquejaram. Olhava-se no espelho e não mais se reconhecia. Era uma pessoa velha. E assim a juventude escapou-lhe entre os dedos em seus plenos 20 anos.

A dor e o sofrimento agora começaram a superar sua capacidade de absorção e elaboração. Sentiu que sua capacidade trans-

cidental também começava a fraquejar e mostrava-se mais fraca.

Um revólver brotou do nada.

Uma detonação e um projétil explodindo sua cabeça foi o paliativo final encontrado, que finalmente colocou fim a toda suas angústias, dores e sofrimentos.

Se foi o esteio de muitos nas horas difíceis, sua pessoa pouco foi compreendida e em nada recompensada. Apenas foi esquecida e abandonada por todos aqueles a quem estendeu a mão. De todos os fatos que ocorreram, apenas uma pequena lápide perdida na necrópole acusa sua passagem terreal.

Portanto, não pergunte por quem dobram os sinos. Mas, cada vez que os ouvir tinindo, recorde-se apenas de alguém chamado de Mafla, (My Flower) se doou totalmente e nos abandonou ainda em pleno desabrochar da existência, vítima da voracidade oriunda da própria sociedade.

E então apenas rezem um Pai Nosso em sua memória. É muito mais do que recebeu em toda sua existência. E é um compromisso que todos devem ter pelo menos, pelos muitos Mafla da vida que se doaram e ainda se doam por uma causa que têm plena convicção de ser justa e correta, e depois são relegados ao ostracismo da ignorância e do esquecimento.

Que Deus os acolha e lhes dê a devida paz e repouso.

Requiescant in pace.

Apêndice

Afeto: afinidade, ligação espiritual terna em relação a alguém ou a algo.

Andrógino: ver nota de rodapé.

Bálsamo: na medicina caseira, infusão de plantas narcóticas em óleo, com que se friccionam regiões doloridas do corpo, medicação.

Cognição: conjunto de unidades de saber da consciência que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças.

Elaboração: construção do pensamento que utiliza dados ou elementos para fins conceituais; composição, preparação.

Enlevo: ato ou efeito de enlevar; enlevação, enlevamento, sensação de êxtase, arroubo, deleite.

Êxtase: estado de quem se encontra como que transportado para fora de si e do mundo sensível, por efeito de exaltação mística ou de sentimentos muito intensos de alegria, prazer, admiração, temor reverente etc.

Imolação: ato de sacrificar-se, renúncia, abnegação.

Indelével: que é durável, permanente, que não se pode destruir, suprimir ou fazer desaparecer totalmente.

Introspecção: reflexão que a pessoa faz sobre o que ocorre no seu íntimo, sobre suas experiências. Observação e descrição do conteúdo (pensamentos, sentimentos) da própria mente.

Metamorfose: mudança completa de forma, natureza ou de estrutura; transformação, transmutação.

Mitigar: tornar(-se) mais brando, mais suave, menos intenso (geralmente dor, sofrimento etc.); aliviar, suavizar, apaciar.

Pária: pessoa mantida à margem da sociedade ou excluída do convívio social.

Saga: nome dado pelos romanos às bruxas e feiticeiras, por extensão: efeito inexplicável e sobrenatural ocasionado pelo ato de magia.

Samaritano: que ou aquele que é bom, caridoso, salvador.

Senda: caminho estreito usado pelos pedestres ou pelo gado de tamanho pequeno, atalho, vereda, sendeiro.

Simbiose: associação entre seres vivos na qual ambos são beneficiados, consortismo, associação íntima entre duas pessoas.

Taumaturgia: arte de atrair ou de impressionar pessoas, com milagres ou atos prodigiosos.

Transcendental: na metafísica, especialmente a neoplatônica e a escolástica, diz-se do ser ou princípio divino que, em sua perfeição e poder absolutos, está situado além da realidade sensível.

Volição: capacidade, sobre a qual se baseia a conduta consciente, de se decidir por uma certa orientação ou certo tipo de conduta em função de motivações.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

Ser Poeta

Ser poeta é muito mais que escrever belos poemas, compor versos cadenciados repletos de rimas ricas, construir versos trabalhados de formas fixas ou livres e ritmos suaves, belos ou impactantes.

Ser poeta é ser mensageiro de Deus, semeador de esperança, profeta da verdade, arquiteto da paz, zelador da vida, construtor da felicidade.

Ser poeta é muito mais que ser estrela brilhante, é emprestar o próprio brilho para fazer fulgar a constelação a que compõe.

É ser mestre, da humildade, da serenidade e da firmeza.

É ser realmente escriba do amor translúcido.

É amar e admirar a realização dos sonhos de todos os poetas.

Ser poeta é ser a própria poesia.

Dedico este poema a sua Alteza o Príncipe dos Poetas de Piracicaba _ Lino Vitti

Faça novo, não de novo.

Quando a gente faz de novo, novamente, a gente repete e vira rotina.

Quando a gente faz novo a gente inova modifica e pode muito bem evoluir.

Agora nas escolas estamos na hora de planejar o novo ano letivo.

Faça o novo plano.

Por vezes, novo por ser novidade, desestabiliza e assusta.

Como se perde um pouco da comodidade e segurança diante do novo, às vezes , nos prendemos muito ao antigo e depois tenta-

mos desprestigiar o novo para nos sentirmos mais cômodos.

O mundo e a natureza estão em constante transformação.

O sol é novo a cada manhã.

A chuva que cai após fecundar a terra, vai formar uma nova chuva.

O rio segue seu curso.

Cada dia é um novo dia.

Nós, hoje, somos diferentes do que fomos de ontem.

É evidente que devemos conservar os valores permanentes, mas podemos e devemos modificar os procedimentos metodológicos de transmiti-los.

Os valores efêmeros podem ser suprimidos, modificados, transformados ou trocados.

Sejamos flexíveis.

A flexibilidade é o que pode evitar a quebra, não raramente, curvar-se é melhor que quebrar-se.

Entender e analisar o novo é parte importante de quem vai por em prática.

Nem tudo o que é velho precisa ser descartado.

Nem tudo só porque é novo é bom e deve ser abraçado.

Otimizar o antigo parece-nos ser muito adequado.

Ano novo requer sempre um novo olhar, um novo calendário e principalmente uma inovadora metodologia, pelo menos no que diz respeito aos procedimentos metodológicos de ensino.

Se não houver mudanças estruturais, pelo menos mudanças de procedimentos, de foco e de maneira de ver.

O que não pode acontecer é ficar na mesmice.

O que é novo?

Todo o processo?

Algumas pessoas ?

Algumas funções?

A forma de trabalho?

Se pensarmos bem tudo é novo, diferente , pois nós mesmo em 2012 seremos diferentes do que fomos em 2011. Felizmente!

Nada será bom se fizermos tudo sempre igual.

Desejamos ser sempre melhores.

Algumas sugestões para a elaboração das novas propostas de trabalho para 2012, principalmente nas escolas.

Calendário novo.

Cada um com sua agenda nova.

Todos os envolvidos no processo devem ter uma cópia de tudo o que foi decidido pelo grupo .

O calendário geral do grupo é elaborado por todos. Isso evita choque de horários, de datas de provas, ausência de elementos em reuniões, atrasos nas entregas de documentos.

O cumprimento das metas será sempre respeitados.

Se durante o ano letivo o calendário de atividades for mudado, as mudanças devem ser reelaboradas coletivamente e se isto for impossível pelo menos que todos sejam comunicados das mudanças.

É bom que o planejamento seja feito um pouco depois do início do ano letivo, pois teremos tempo de fazer a avaliação diagnóstica dos alunos e a direção também fará a avaliação diagnóstica dos professores e funcionários.

Todos poderão planejar com mais segurança.

Aprender e ensinar são tarefas individuais mais que só acontecem no coletivo.

Lembremo-nos de:

aproveitar as lideranças juvenis;

desenvolver as artes e os esportes;

construir projetos que envolvam relacionamento pacífico e de inclusão, cidadania, espiritualidade e ecologia.

Se todos elaborarem tudo em conjunto, haverá sempre a colaboração desejada e responsável.

A escola deve ser um espaço de discussão ,onde as ideias semelhantes e contrastantes encontrem um caminho para otimização do conhecimento, da vida e da felicidade, a colaboração prazerosa superará a competição não inteligente ou cega.

O companheirismo, a amizade, a busca dos sonhos individuais e coletivos se transformam em realizações perenes.

A escola é o único espaço de educação formal.

Os cursos obrigatórios ou não, precisam ter a responsabilidade de produzir excelentes frutos úteis de maneira agradável, mas formal, sem porém ser enfadonha.

Todos os envolvidos em educação como profissionais, pais e alunos devem ser respeitados e respeitadores, somente assim poderemos ter uma sociedade cada vez melhor.

Um mundo novo, novo, novo.

Faça novo, não de novo.

Mulher

Você me pediu: _escreva
Para mulher um poema
É difícil que me atreva,
Poetar sobre esse tema.
Quem é este ser “mistério”?
Que deva ser revelado,
Mas não é levado a sério,
Até por quem é amado.
Ser mulher é ser capaz
De poder gerar o amor,
Sendo mulher é audaz,
E luta com muito ardor.
É tão forte quanto terna,
Equilibra sempre a vida.
Esposa , mãe ou fraterna
Põe-se inteira na lida.
Ela sempre se compraz
Na luta por bom valor,
Torna-se sempre capaz,
Defendendo a vida e o amor.
Mui sensível é a mulher,
Seja com ela, amável,
Pois um detalhe qualquer
A faz muito vulnerável.
Falar da mulher o quê ?
Se ela vive a poesia ...
E até sei bem o porquê
Meu poema se esvazia.
Sendo mulher, vivo a senda
Do sonho do mundo bom,
Com a vida teço a renda
Da esperança num só tom.
Quisera como Maria,
A você mulher amiga,
Desejar com alegria,
Que a bênção de Deus a siga.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO TOSHIO ICIZUCA
Cadeira n° 38 - Patrono: Elias de Melo Ayres

Comer de marmitta

Outro dia, ao ver uma pessoa comer de marmitta, em vasilhas feitas de alumínio em formato retangular, os leitores não imaginam o que é que fui lembrar: fatos da minha infância em Londrina, na década de quarenta, quando morava no sítio e ajudava os meus pais no trabalho de campo.

Naquela época meus pais eram agricultores em pequena propriedade, a primeira adquirida por eles depois de cumprir o contrato como colonos na região de Penápolis, no Estado de São Paulo. Na verdade, quando eles compraram era uma mata virgem, pois Londrina nem existia, no local havia um povoado que seria a futura cidade.

Ao ver aquela marmitta, lembrei que todos os trabalhadores do campo, que seriam os boias-frias de hoje, levavam os almoços nas marmittas iguais à que vi, e ao chegar a hora da refeição, sentavam-se em qualquer canto, no troco de uma árvore caída, no monte de terra resultante de arruação, ou em sacos de algum produto colhido, como café, arroz, feijão etc.

A nossa família também almoçava no campo, ou na roça, como era chamada. Mas, o almoço não vinha em marmittas separadas, a minha mãe trazia todas as tralhas necessárias e a comida dentro de panelas e travessas. Como ela conseguia trazer tudo aquilo nas mãos não tenho a menor ideia, pois quando ela nos chamava para o almoço, todos os pratos, talheres, canecas, e as comidas estavam sobre enorme lençol estendido no solo. Olha, carregar o almoço para cinco pessoas e caminhar cerca de quatrocentos metros não é brincadeira, precisava ser uma supermulher! Ela foi uma heroína. Aliás, todas as imigrantes foram, visto que esse tipo de trabalho recaía sobre os ombros das donas de casa. Ah..., preciso falar que almoçar sentado no chão em volta da toalha era gostoso, familiar e bucólico.

O fato estranho é que tudo que eu falei sobre o trabalho da minha mãe fui lembrar justo na hora que vi a pessoa comendo de marmitta... Talvez naquela época de imenso sacrifício para todos, achasse que tudo que a minha mãe fazia era normal. Somente agora, depois de passados mais de sessenta anos, e sem a presença dela e nem do meu pai, pude reconhecer e agradecer o que eles fizeram para os seus filhos.

Toda vez que lembro fatos dessa natureza meus olhos não resistem, enchem-se de lágrimas de agradecimento aos meus pais.

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO *

• **Mons. Jamil Nassif Abib**, felizmente já restabelecido do atentado que sofreu em setembro na Catedral de Santo Antônio, assumiu a condição de Chanceler da Diocese de Piracicaba.

• **Gustavo Jacques Dias Alvim** assumiu em novembro, pela segunda vez, a Reitoria da UNIMEP, cargo que já vinha exercendo há vários meses como vice-reitor.

• **Francisco de Assis Ferraz de Mello** doou ao Museu e Centro de Ciências e Artes Luiz de Queiroz, da ESALQ, sua valiosa coleção de mais de 200 obras de arte, adquiridas e colecionadas ao longo de décadas.

• **Ivana Maria França de Negri** e **Cezario de Campos Ferrari** foram agraciados com a primeira edição da Medalha de Mérito MMDC 32, outorgada pelo Núcleo MMDC/Piracicaba. A medalha foi-lhes entregue no dia 11 de maio, no Armazém da Cultura Maria Dirce de Camargo, na Estação da Paulista.

• Além de manter atualizados e movimentados diversos blogs e sites literários (inclusive o da APL), **Ivana Negri** agora também está trabalhando no Blog SOS Rios do Brasil, postando regularmente notícias sobre o rio Piracicaba e sobre rios e águas em geral, assim como textos e poesias dos nossos escritores.

• O livro infantil “Quatro Contos em Quatro Cantos”, que tem como autoras quatro membros da nossa Academia – **Carmen Pilotto**, **Ivana Negri**, **Leda Coletti** e a saudosa **Maria Emília Leitão Medeiros Redi** – teve sua terceira edição lançada no dia 12 de abril, no Museu da ESALQ. As duas primeiras edições da obra já estão esgotadas. A característica da nova edição é que foi impressa em Braille, pelo Instituto Pró-Visão, e não está sendo comercializa-

* Nesta seção, somente os nomes dos acadêmicos titulares da APL são sempre destacados em negrito. O Editor insiste no pedido de que os Acadêmicos o mantenham informado acerca das atividades literárias, culturais e artísticas que realizam. Se todos o fizerem, esta seção da **Revista da APL** poderá ser bem mais completa e corresponderá de modo adequado ao muito que realmente fazem e produzem os membros de nossa Academia.

da, já que os exemplares se destinam a ser doados a bibliotecas e a instituições trabalham com deficientes visuais.

- Em outubro do ano passado, **Carla Ceres** foi duplamente premiada no VIII Concurso de Contos e Crônicas, promovido pelo Núcleo Universitário de Cultura, da UNIMEP. Seu conto “Subsolo na garrafa” – que reproduzimos neste número da nossa Revista – foi o primeiro colocado, e “O Mirante dos Esquecidos” figurou entre os 10 melhores trabalhos selecionados.

- **Marisa Bueloni** passou a assinar coluna fixa no “Jornal de Piracicaba”, todas as terças-feiras, e **Toshio Iczuca** está escrevendo regularmente na página 2 da “Folha de Londrina”, com tiragem diária de 50 mil exemplares.

- **Carla Ceres** e **Ivana Negri**, a convite de Alexandre Bragion, são colaboradoras do site “Diário do Engenho” <http://www.diariodoengenho.com.br/> que publica artigos, entrevistas, programação cultural e notícias de Piracicaba.

- **Leda Coletti** recebeu menção honrosa no XIV Concurso de Poesias do Clube dos Escritores de Piracicaba, com a poesia “Toque de ternura”, e coordenou o projeto “Voluntários da Escrita de Mensagens Natalinas”, no Terminal Central Integrado de Ônibus (TCI), de Piracicaba, com participação de escritores das entidades literárias piracicabanas e numerosos voluntários. Leda também lançou, no dia 15 de março, um livro de poesias para crianças, escrito conjuntamente com outras seis escritoras e intitulado “*Brinca, brinca, e faz poesia*”.

- Pelo nono ano consecutivo, **Leda Coletti**, **Ivana Negri** e **Aracy Duarte Ferrari**, juntamente com outros escritores e poetas de nossa cidade, saíram às ruas no dia 15 de março – Dia Nacional da Poesia – distribuindo poemas aos passantes.

- **Armando Alexandre dos Santos**, a convite do poeta Irineu Volpato, coordenador do Projeto Poesia ao Vento, falou sobre a vida e a obra de Brasília Machado no SESC, no dia 19 de abril.

- O Colégio Poli-Brasil, do qual é coordenador pedagógico o Prof. Wanderley Loconte, realizou, em parceria com a Acade-

mia Piracicabana de Letras, uma aula-aberta no dia 27 de abril, com a palestra “Criatividade: todos nós temos!”, na qual **Armando Alexandre dos Santos** condensou os principais tópicos de seu livro “Descubra o tesouro interior de sua criatividade”, que foi publicado em 2007 e cuja 4^a. edição acaba de ser lançada em São Paulo. Armando também participou do Seminário Internacional Brasil-Portugal, realizado de 2 a 4 de abril no Rio de Janeiro, nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E foi convidado a ministrar o módulo “Camões e a afirmação da língua portuguesa” no Curso “Cultura na Península Ibérica medieval e moderna (séculos XIII-XVII)”, promovido pela Universidade de Alicante, na Espanha, e coordenado pelos Profs. Drs. Ricardo da Costa (UFES) e Vicent Martines (UA). Especialistas provenientes de quatro países (Espanha, Portugal, Brasil e Argentina) ministrarão os 27 módulos desse curso, que se estenderá de setembro a dezembro do corrente ano.

HOMENAGEM ESPECIAL*Cent'anni...*

Duas distintas damas da sociedade piracicabana acabam de atingir a respeitável idade de um século. Sendo ambas genitoras de membros da nossa Academia, é justo que aqui nos congratulemos com elas e com suas famílias, prestando nossa homenagem muito carinhosa a D. Olga Marins Marchiori, que nasceu no dia 10 de novembro de 1912, e a D. Dayr Plats Almeida de Negri, nascida no dia 30 do mesmo mês.

São, respectivamente, mães dos Acadêmicos Gregório Marchiori Netto e Cássio Camilo Almeida de Negri. Gozam ambas de boa saúde e perfeita lucidez. Graças a Deus!



D. Olga M. Marchiori



D. Dayr P. A. de Negri

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

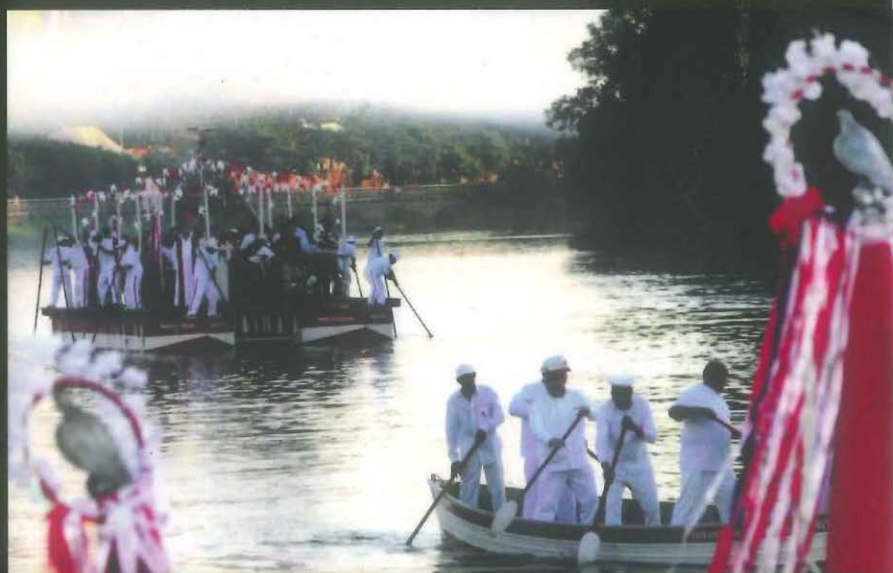
Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Vice-Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim
Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme
Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme
Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano
Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto
Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Perecin
Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari
Elias Salum
Gregório Marchiori Netto

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil
André Bueno Oliveira – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs
Antonio Carlos Fusatto – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda
Antonio Carlos Neder – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra
Aracy Duarte Ferrari – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion
Armando Alexandre dos Santos – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado
Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin
Carlos Moraes Júnior – Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira n° 19 – Patrono: Ubi-rajara Malagueta Lara
Cássio Camilo Almeida de Negri – Cadeira n° 20 – Patrono: Benedito Evangelista da Costa
Cezário de Campos Ferrari – Cadeira n° 12 – Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral
Elda Nympha Cobra Silveira – Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior
Elias Jorge – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos
Elias Salum – Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini
Evaldo Vicente – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
Felisbino de Almeida Leme – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto
Francisco de Assis Ferraz de Mello – Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil
Geraldo Victorino de França – Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

- Gregorio Marchiori Netto – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim – Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho – Cadeira n° 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.) – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes
- Leda Coletti – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Perecin – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçaná Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Toshio Iczuca – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Valdiza Maria Caprânico – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade





ISSN 2377-2797



9 772377 279008



EQUILIBRIO
editora